

RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia

Brasil

©FOTO: Sérgio Carvalho/Ministério do Trabalho e Emprego

@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

 **ESCRAVO,
NEM PENSAR!**

Repórter Brasil

Raio-X: o trabalho escravo pós-pandemia

Texto: Natália Suzuki, Tatiana Waldman e Fernanda Banyan

Revisão do texto: Natália Suzuki

Pesquisa: Rodrigo Teruel e Fernanda Banyan

Projeto gráfico: Adriana Fukunari

Diagramação: Tatiana Waldman

Realização:

Repórter Brasil – Programa Escravo, nem pensar!

Presidente: Leonardo Sakamoto

Gerente de Educação e Políticas Públicas: Natália Suzuki

Assessor de projetos: Rodrigo Teruel

Analistas de projetos: Tatiana Waldman e Vitor Camargo

Distribuição gratuita

As produções didáticas do programa Escravo, nem pensar! estão protegidas pelos artigos 29 e 46 da lei n.º 9.610/1998, que dispõe sobre os direitos autorais no país.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Repórter Brasil

Raio-X: o trabalho escravo pós-pandemia / Natália Suzuki (org.); – São Paulo:

Repórter Brasil, 2024.

72 p.: il.

ISBN 978-65-87690-20-9

1. Trabalho escravo – Brasil. 2. Pós-pandemia – Impactos sociais. 3. Direitos humanos – Violação.

CDD 370.981

Sumário

Apresentação	4
Minas Gerais	10
São Paulo	17
Bahia	24
Goiás	31
Pará	38
Maranhão	45
Mato Grosso	52
<i>Trabalho escravo e gênero pós pandemia</i>	
Brasileiras resgatadas	59
Migrantes internacionais resgatadas	64
Breve análise do período pós-pandemia de Covid-19	67
Referências bibliográficas	72

Apresentação

Durante a pandemia de Covid-19, em 2020, ano marcado por medidas de isolamento social e restrição na circulação de pessoas, o Brasil contabilizou 82 casos de trabalho escravo, de Norte a Sul do país. Em diferentes atividades econômicas, 809 trabalhadores foram escravizados.

O que sucedeu no pós-pandemia? A pesquisa do *Escravo, nem pensar!*, programa educacional da Repórter Brasil, apresenta dados inéditos que revelam o cenário crítico dos últimos três anos¹.

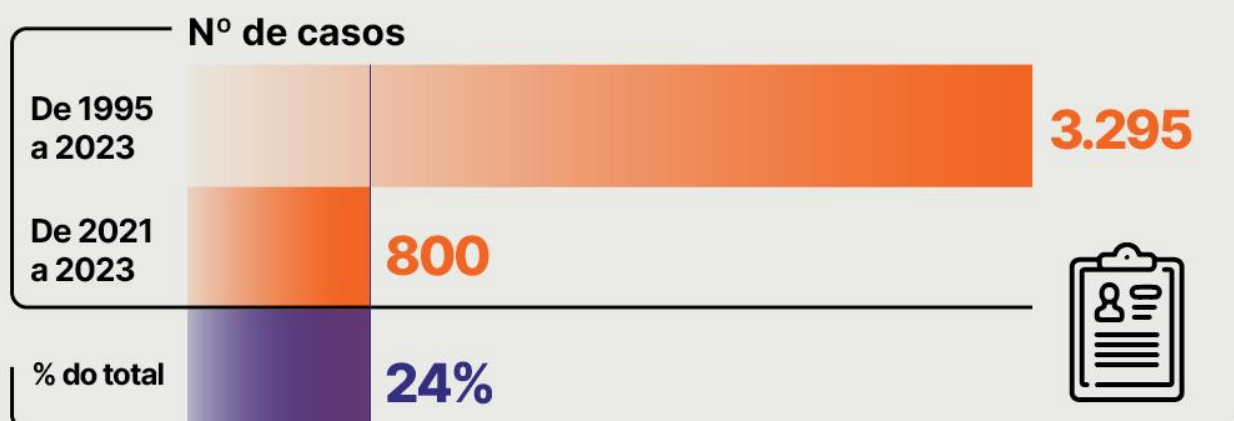
A quantidade de casos aumentou significativamente. A partir de 2021, o número de registros de trabalho escravo quebra recordes anuais. Foram 800 propriedades flagradas em todo o Brasil entre aquele ano e 2023, o que representa 24% dos casos de toda a série histórica, iniciada em 1995. 7.983 trabalhadores foram vítimas dessa grave violação no período. Isso corresponde a 13% do total dos mais de 63 mil trabalhadores resgatados de toda série histórica.

Esse cenário se deve a dois motivos. Por um lado, a população em situação de vulnerabilidade socioeconômica cresceu. O aumento da fome e da pobreza forçou muitos trabalhadores e trabalhadoras a se submeterem a condições cada vez mais precarizadas de trabalho. Por outro, houve também o aumento das ações de fiscalização por agentes em nível local em todo o Brasil, o que deu mais capilaridade à política de resgate de trabalhadores. Isso vem sendo observado desde o fim da década de 2010.

Estados como Minas Gerais, São Paulo e Bahia lideram os registros após a pandemia (2021-2023). O cenário é parcialmente distinto da série histórica (1995-2023), em que Pará, Minas Gerais e Maranhão, respectivamente, encabeçam a lista de casos de trabalho escravo no Brasil. A pecuária se mantém como a principal atividade empregadora de trabalho escravo e o trabalho doméstico passa a figurar como a segunda principal atividade econômica a partir do período pós-pandemia.

¹ Os dados são do Ministério do Trabalho e Emprego sistematizados pela Repórter Brasil.

Casos por período



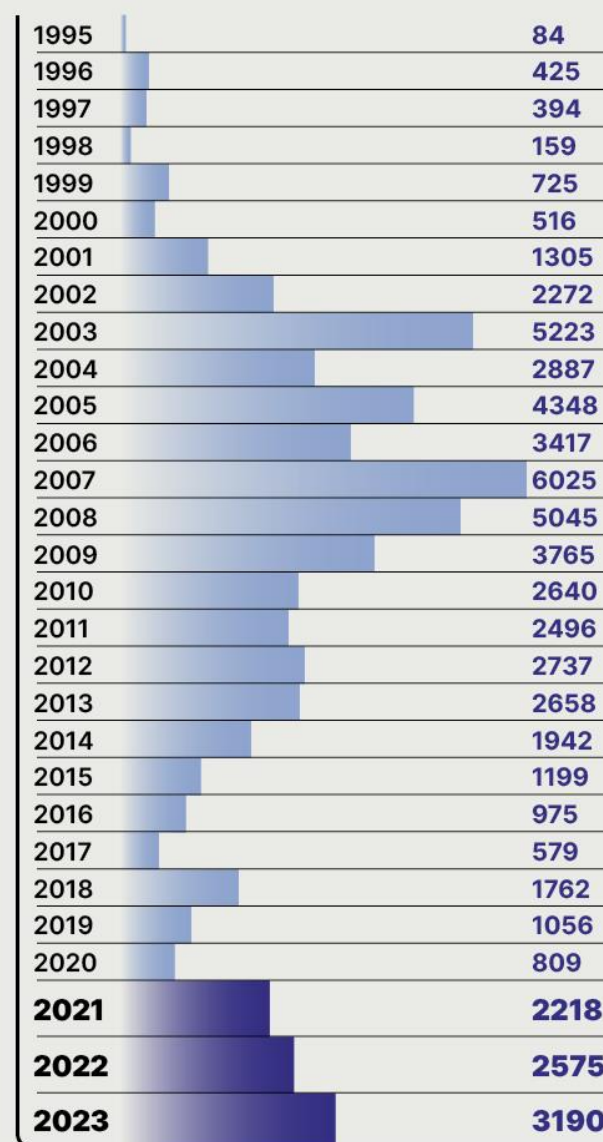
Trabalhadores escravizados por período



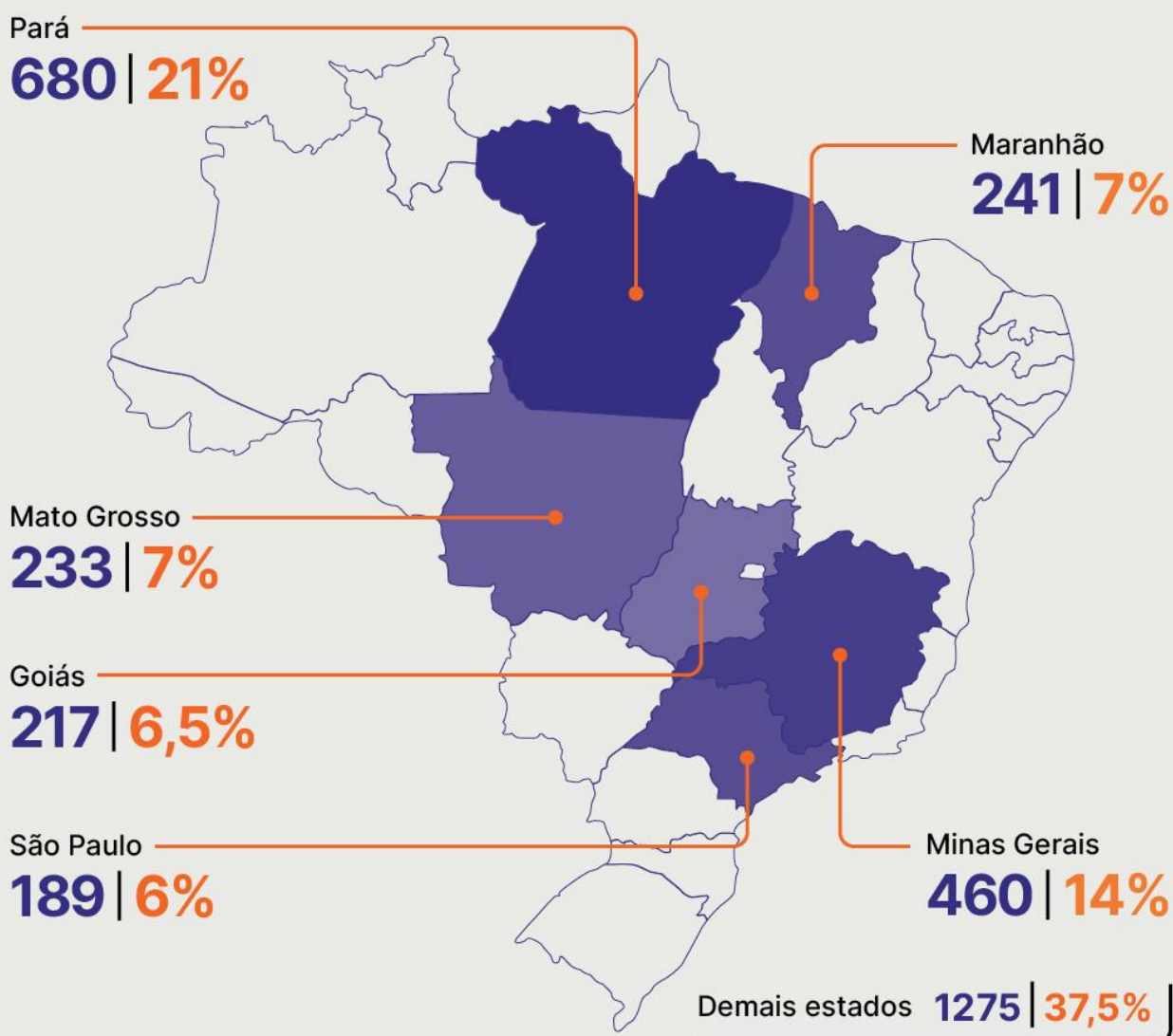
Casos por ano



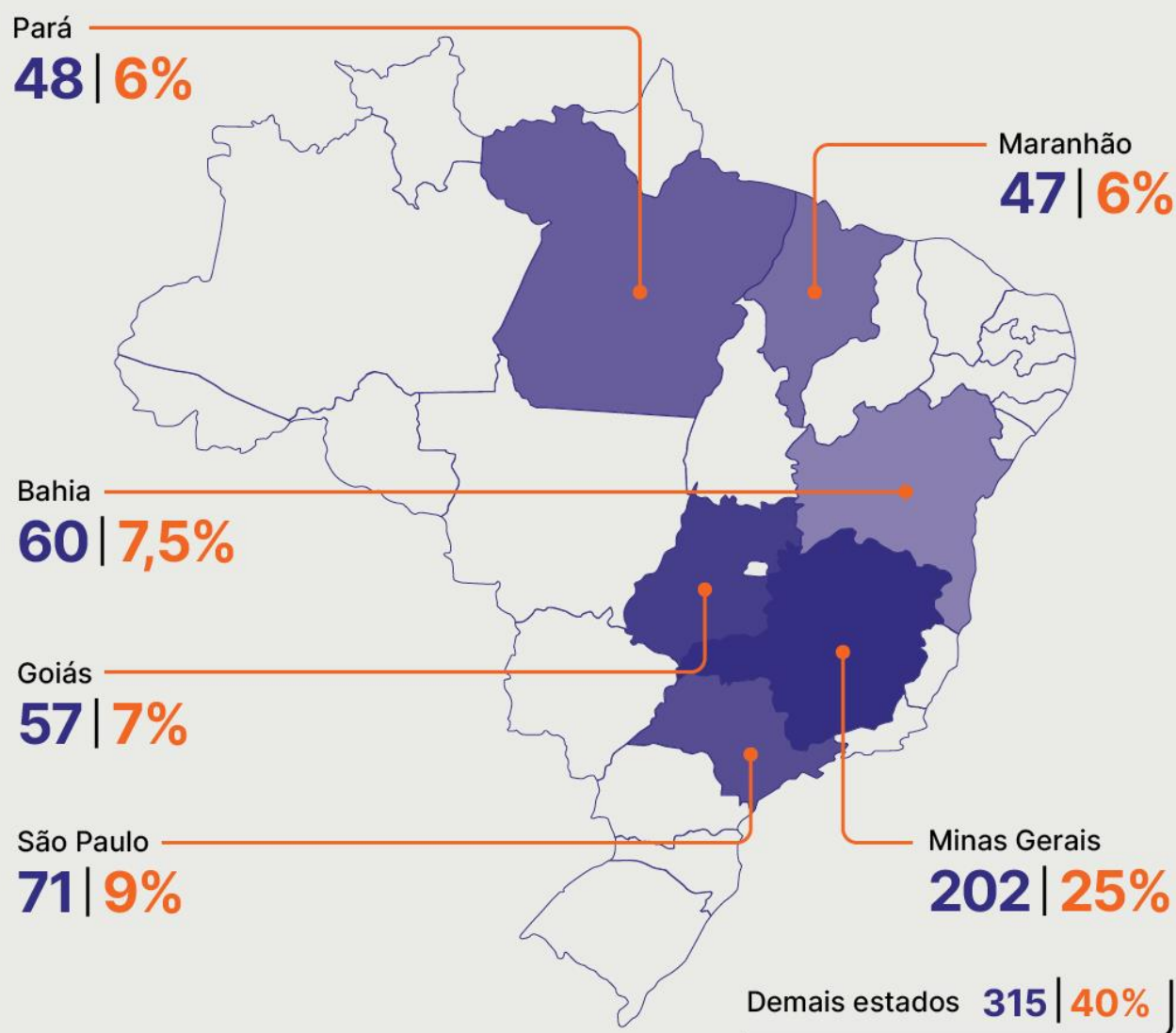
Trabalhadores escravizados por ano



Casos por UF de 1995 a 2023



Casos por UF de 2021 a 2023

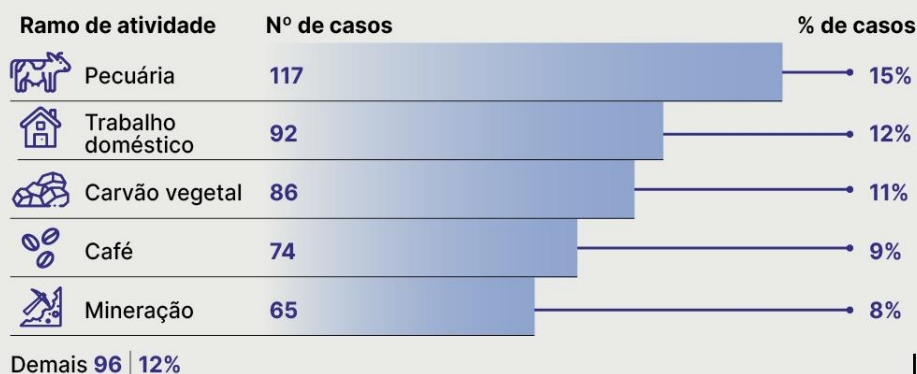


Casos por atividade econômica

Série histórica de 1995 a 2023



De 2021 a 2023



@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

ESCRAVO,
NEM PENSARI

A seguir, serão apresentados dados referentes aos principais estados com registros dessa grave violação. O material destaca, ainda, informações sobre mulheres resgatadas nesse período e traz uma análise da crescente diversidade de atividades econômicas como objeto de investigações. Por fim, apresenta considerações sobre o aumento de resgates envolvendo o trabalho escravo doméstico e a sua diminuição no setor têxtil no período pós-pandemia.

RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia



Minas Gerais

©FOTO: Sérgio Carvalho/Ministério do Trabalho e Emprego

@reporterbrasil



Minas Gerais lidera os casos de trabalho escravo no Brasil no pós-pandemia.

Desde 2021, 25% dos 800 casos de trabalho escravo no Brasil ocorreram em Minas Gerais. Neles, foram resgatados mais de 2,5 mil trabalhadores. Dentre todos os resgatados no território nacional, uma em cada dez vítimas é mineira (11%).

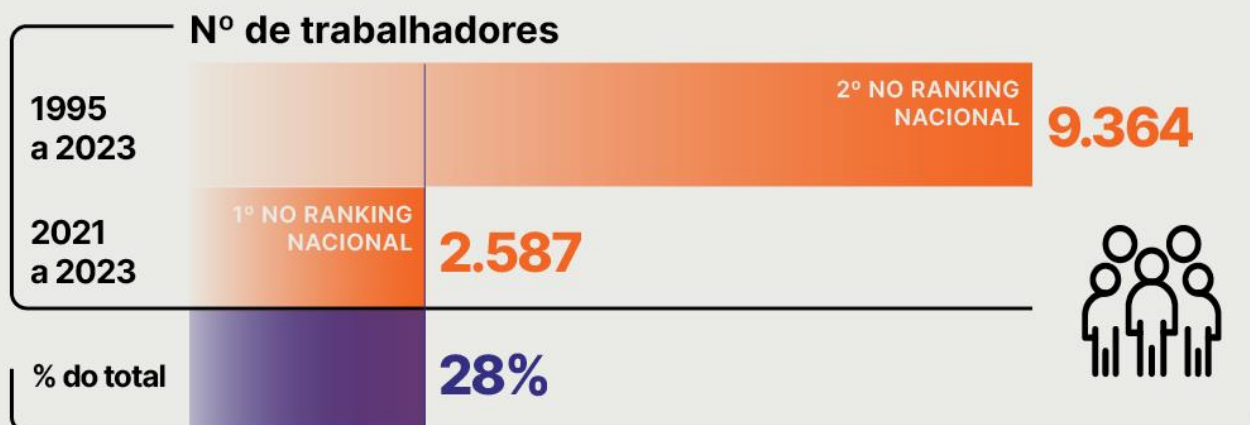
As atividades com mais registros dessa grave violação no estado são a produção de café (29%), carvão vegetal (26%), pecuária (9%) e construção civil (5%). Nos últimos três anos, o trabalho doméstico figurou o quinto lugar (5%), superando a produção de cana-de-açúcar, que historicamente ocupava a posição.

João Pinheiro e Itapira são os municípios que mais registram trabalho escravo em Minas; 4% e 3% dos casos, respectivamente. As regiões concentram ocorrências na produção de carvão vegetal. Campos Altos, no Alto Paranaíba, é o terceiro município, com 2% dos casos, principalmente na produção de café. Após a pandemia, Belo Horizonte deixou as primeiras posições do ranking estadual, mas a exploração de trabalhadores na capital mineira ainda é frequente, sobretudo no serviço doméstico.

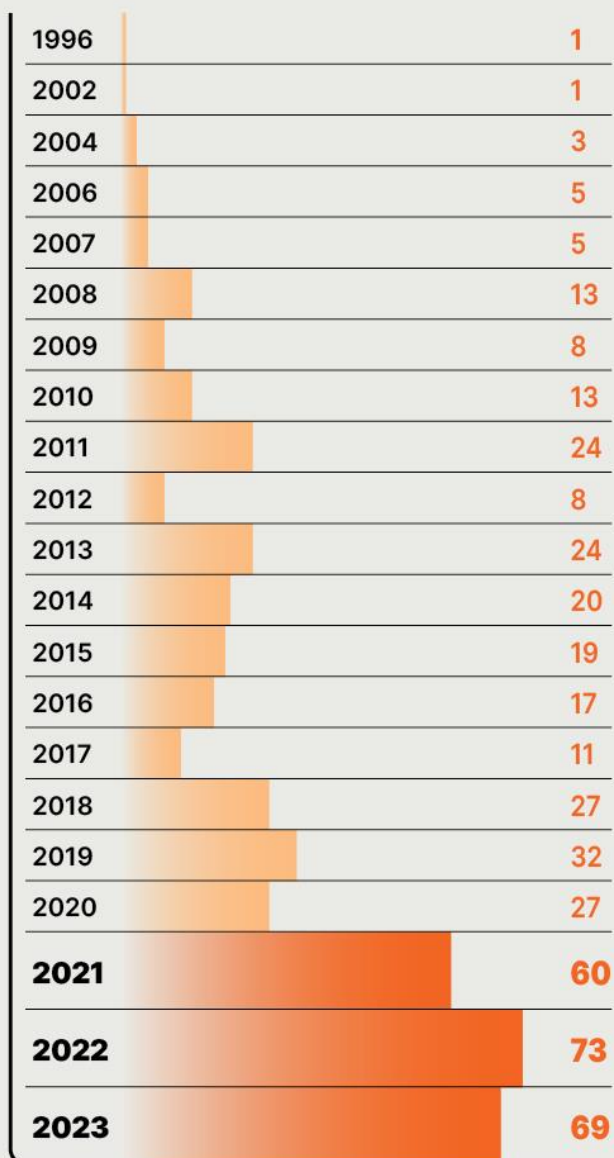
Casos por período



Trabalhadores escravizados por período



Casos por ano

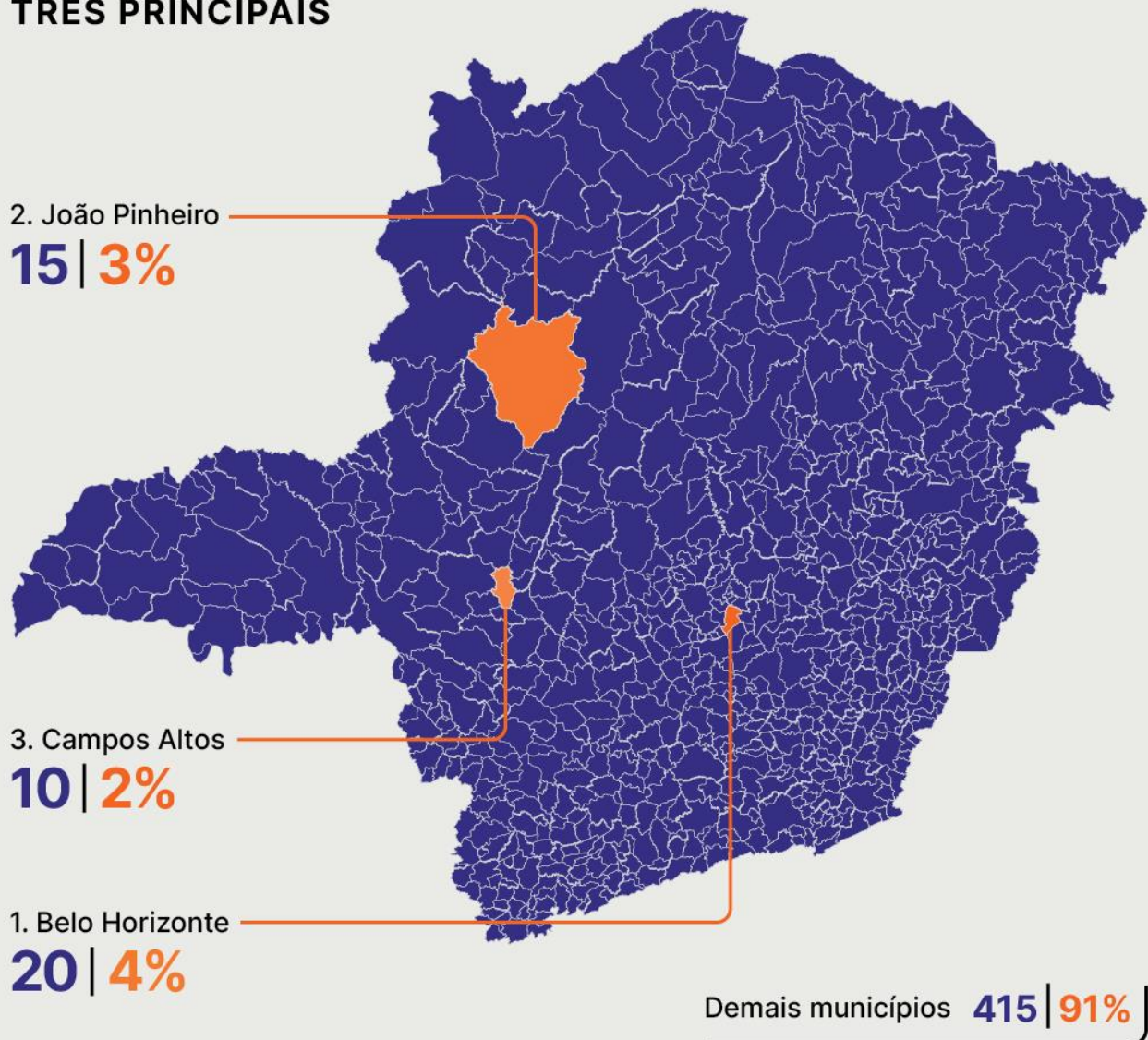


Trabalhadores escravizados por ano



Casos por município 1995 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



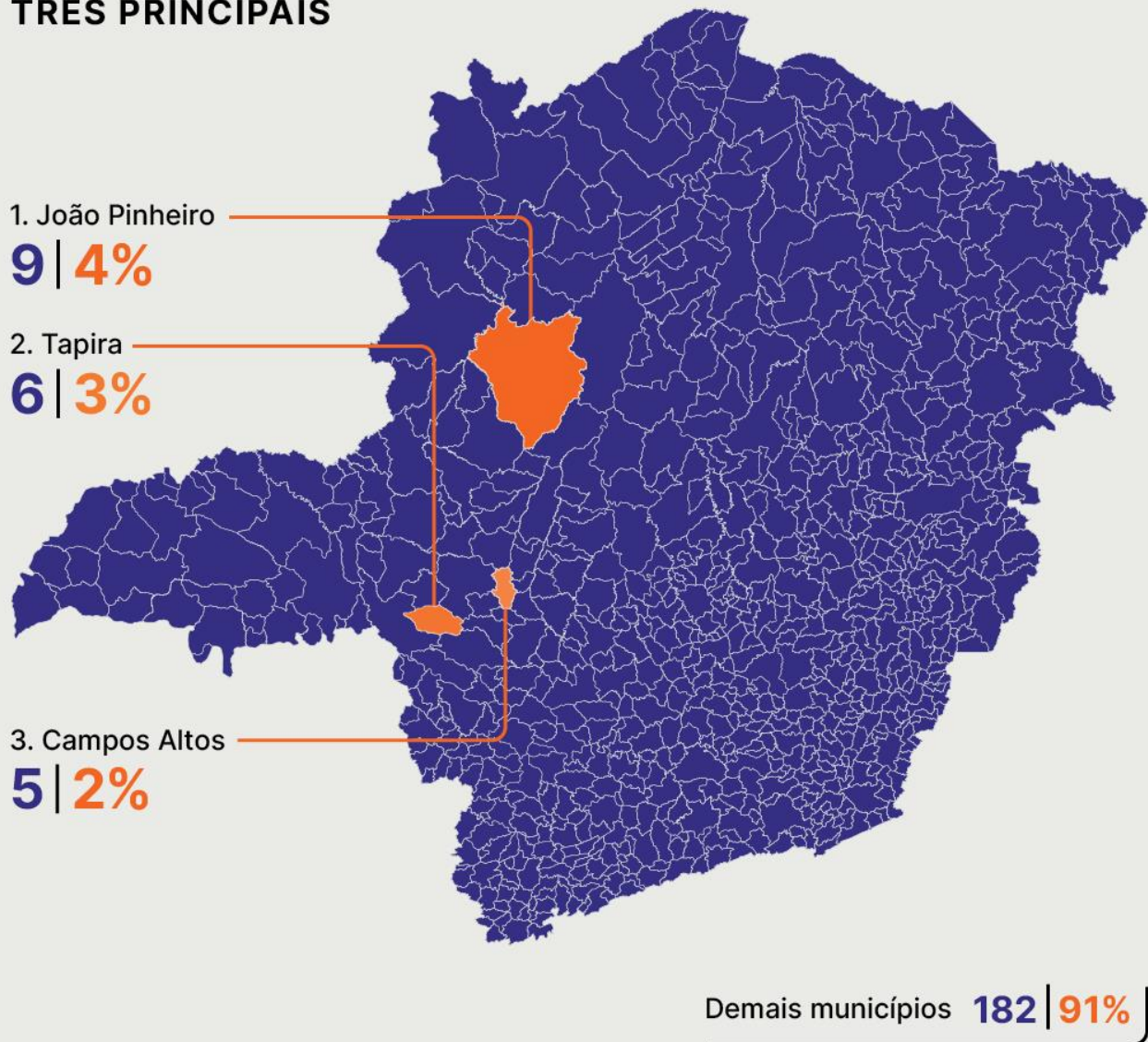
@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

ESCRAVO,
NEM PENSAR!

Casos por município 2021 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



@reporterbrasil

 REPÓRTER
BRASIL

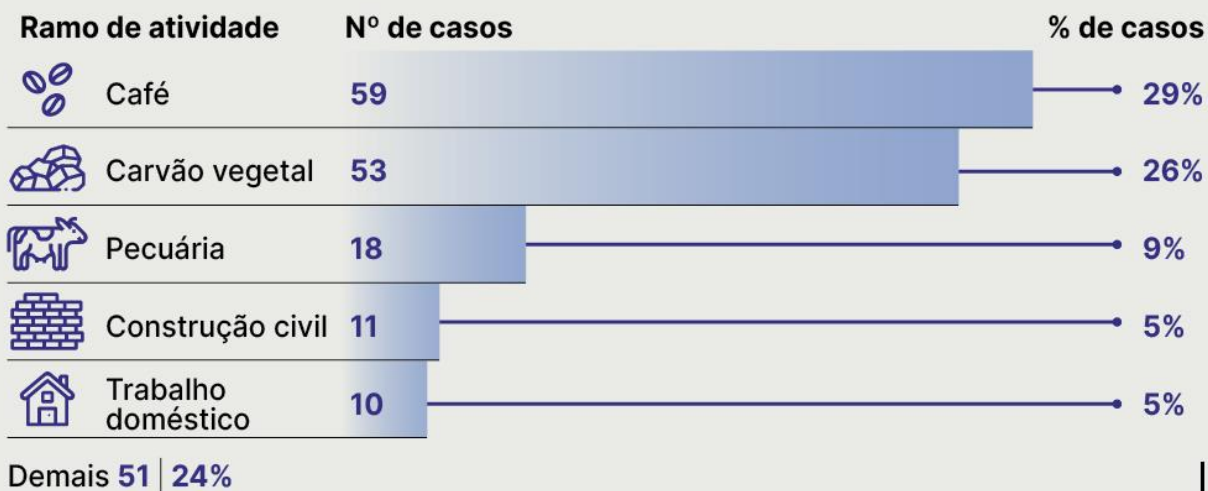
 ESCRAVO,
NEM PENSAR!

Casos por atividade econômica

Série histórica 1995 a 2023



2021 a 2023



RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia

São Paulo

©FOTO: Repórter Brasil

@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

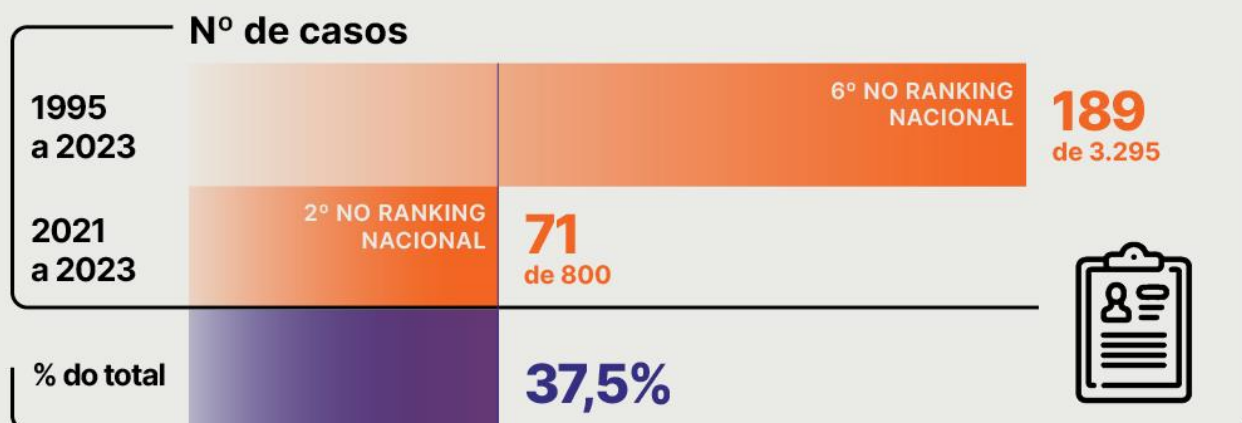
 **ESCRAVO,
NEM PENSAR!**

São Paulo é o segundo estado com mais casos de trabalho escravo no pós-pandemia. Entre 1995 e 2023, o estado ocupou o sexto lugar em ocorrências dessa prática, mas nos últimos anos tem ficado nas primeiras posições no ranking nacional. Desde 2021, São Paulo registrou 71 das 800 ocorrências realizadas no Brasil, o que corresponde a 9% do total. Foram resgatados 685 trabalhadores em seu território no período.

Dos 71 casos registrados, 28% ocorreram no trabalho doméstico, 11% na confecção têxtil, 10% nos serviços de alimentação, 8% na produção de cana-de-açúcar e 4% na construção civil. Desde 2017, São Paulo é campeão dos casos de trabalho escravo doméstico no Brasil. Dos 25 casos registrados no estado, 80% foram flagrados no período pós-pandemia.

A capital paulista concentra 31% dos casos registrados no estado nos últimos três anos, principalmente em trabalho doméstico (28%) e confecção têxtil (11%). Outros municípios com destaque são Martinópolis (3%) e Marília (3%), com ocorrências em lavouras.

Casos por período



Trabalhadores escravizados por período



Casos por ano



Trabalhadores escravizados por ano



Casos por município 1995 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS

1. São Paulo

75 | **40%**

2. Ribeirão Preto

7 | **4%**

3. Campinas

5 | **3%**

Demais 74 municípios: **102** | **53%**

Total de casos: **189** | **100%**

@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

 **ESCRAVO,
NEM PENSARI**

Casos por município 2021 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS

1. São Paulo

22 | **31%**

2. Martinópolis

2 | **3%**

3. Marília

2 | **3%**

Demais 38 municípios: **45** | **63%**

Total de casos: **71** | **100%**

@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

 **ESCRAVO,
NEM PENSARI**

Casos por atividade econômica

Série histórica 1995 a 2023



2021 a 2023



RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia

Bahia

©FOTO: Sérgio Carvalho/Ministério do Trabalho e Emprego

@reporterbrasil



REPÓRTER
BRASIL



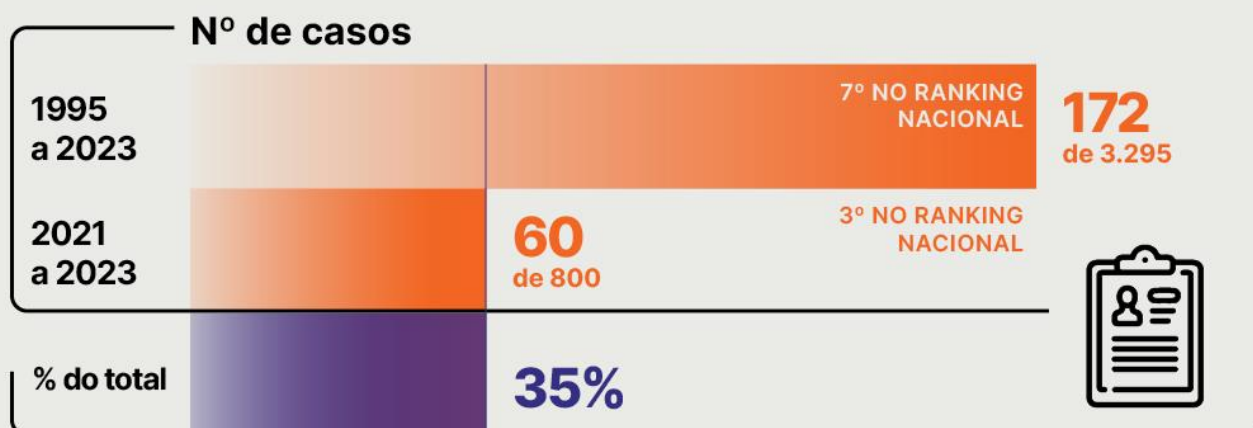
ES CRAVO,
NEM PENSARI

Bahia é o terceiro estado com mais casos de trabalho escravo no Brasil no pós-pandemia. Na série histórica, o estado ocupava o sétimo lugar, com 172 casos envolvendo 3.625 trabalhadores, mas nos últimos três anos subiu de posição. De 2021 a 2023, 270 trabalhadores foram resgatados no estado em 60 casos.

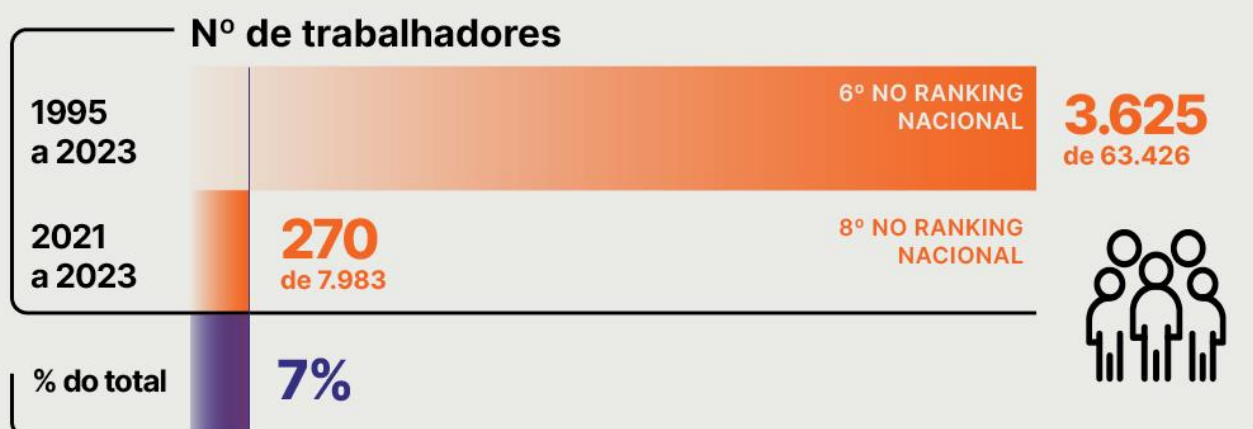
As atividades com mais registros dessa grave violação são trabalho doméstico (35%), extrativismo vegetal (10%), construção civil (10%), mineração (8%) e pecuária (8%). A mineração e o extrativismo vegetal apresentaram um aumento de casos nos últimos três anos, ultrapassando a produção de carvão vegetal e de algodão, atividades que figuravam entre as cinco com mais registros na série histórica.

Salvador segue sendo o principal município do estado com registros de trabalho escravo no pós-pandemia, concentrando 28% dos resgates, principalmente em atividades de trabalho doméstico (70,5%). A capital baiana é seguida de Sento Sé e Feira de Santana, que registram 8% e 7% dos casos.

Casos por período



Trabalhadores escravizados por período



Casos por ano

1995	0
1996	0
1997	0
1998	0
1999	0
2000	0
2001	0
2002	0
2003	4
2004	6
2005	9
2006	10
2007	5
2008	6
2009	6
2010	3
2011	8
2012	5
2013	8
2014	3
2015	2
2016	10
2017	4
2018	12
2019	5
2020	6
2021	16
2022	24
2023	20

Total: **172**

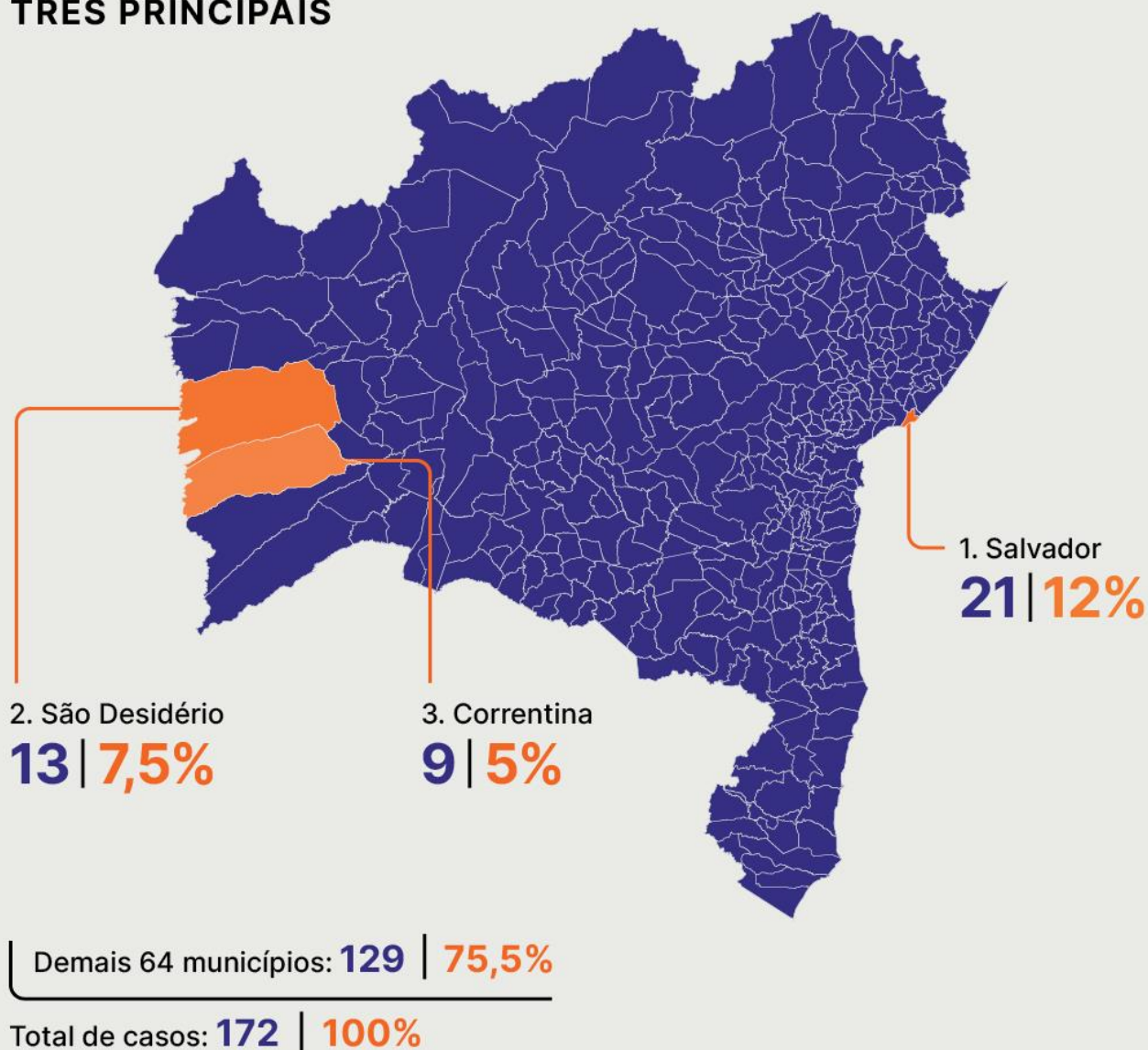
Trabalhadores escravizados por ano

1995	0
1996	0
1997	0
1998	0
1999	0
2000	0
2001	0
2002	0
2003	1089
2004	150
2005	285
2006	529
2007	175
2008	107
2009	285
2010	101
2011	110
2012	52
2013	143
2014	74
2015	22
2016	77
2017	35
2018	62
2019	16
2020	43
2021	101
2022	82
2023	87

Total: **3.625**

Casos por município 1995 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



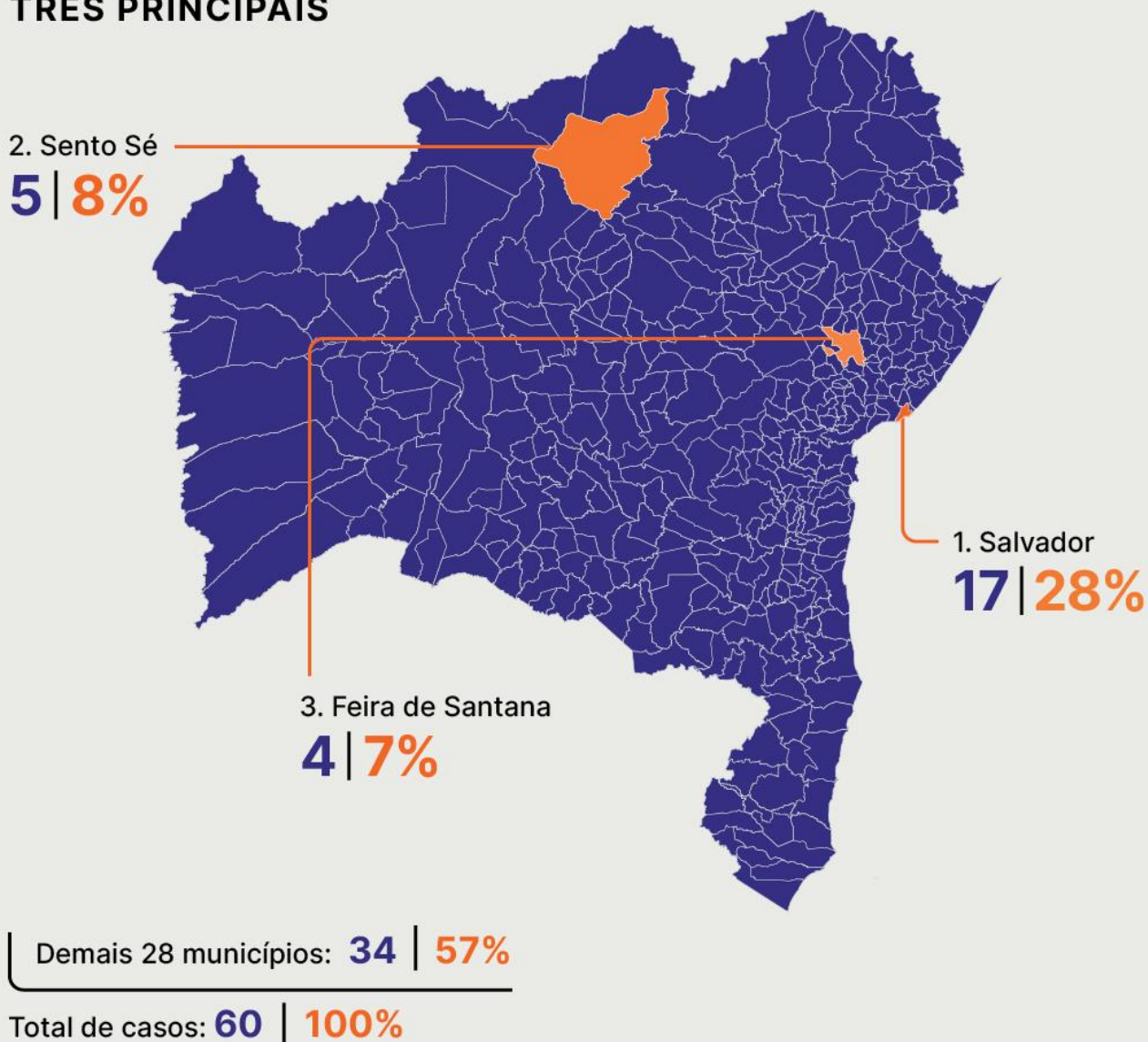
@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

ESCRAVO,
NEM PENSAR!

Casos por município 2021 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

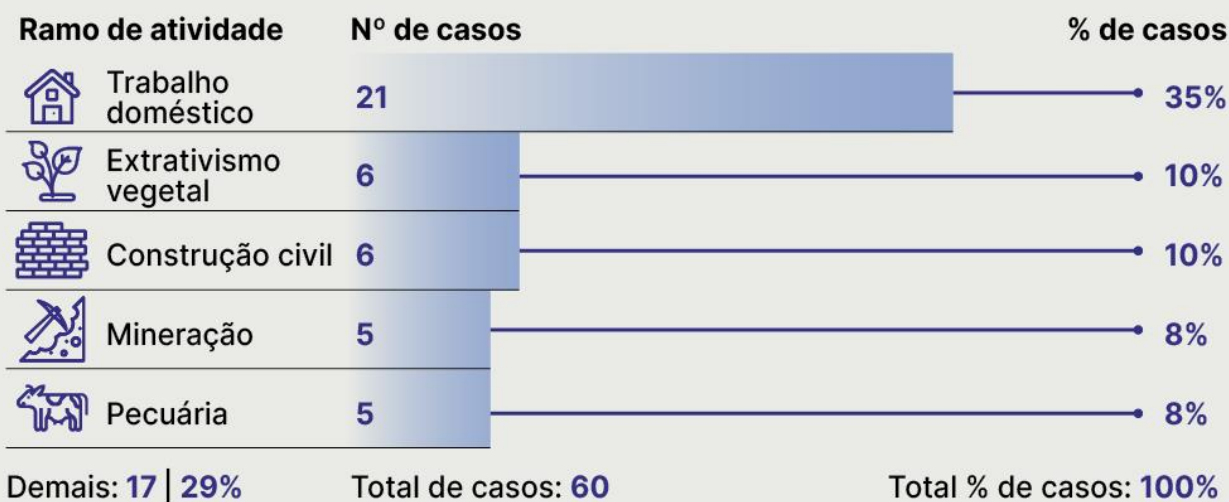
ESCRAVO,
NEM PENSAR!

Casos por atividade econômica

Série histórica 1995 a 2023



2021 a 2023



RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia

Goiás

©FOTO: Sérgio Carvalho/Ministério do Trabalho e Emprego

@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

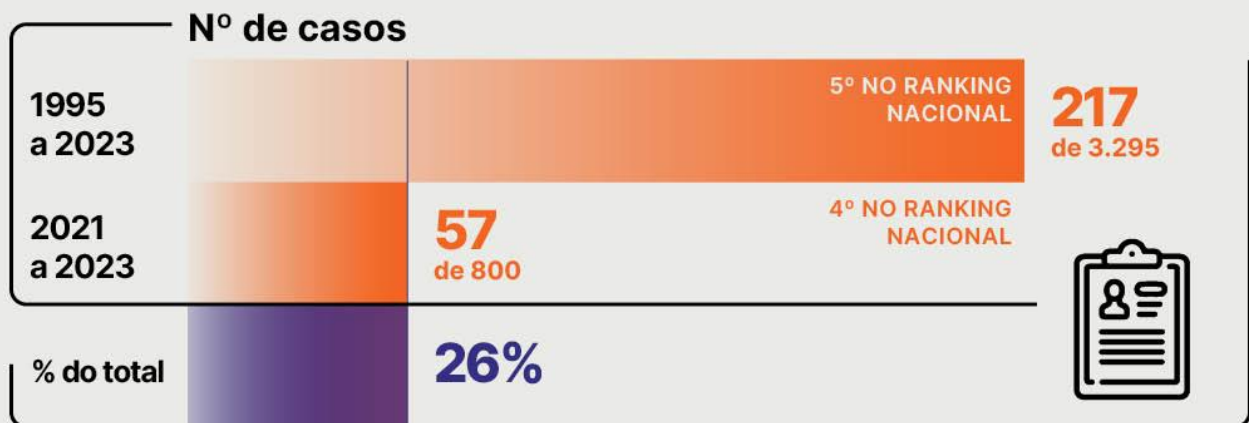
 **ES CRAVO,
NEM PENSAR!**

Goiás, um dos estados mais pujantes do agronegócio no Brasil, é o quarto estado com mais registros de casos de trabalho escravo no pós-pandemia. Nos últimos três anos foram 57 casos na região, 7% do total, com 1.317 trabalhadores escravizados. Na série histórica, de 1995 a 2023, o estado ocupa a quinta posição nacional, com 217 casos (6,5%).

A produção de carvão vegetal é a atividade na qual a exploração do trabalho está mais presente, com 16% dos casos. Em seguida aparece a pecuária (12%), cana de açúcar (10,5%), trabalho doméstico (9%) e reflorestamento (7%). O trabalho doméstico passa a compor as cinco principais atividades com trabalho escravo no estado no pós-pandemia, e retira a construção civil entre as lideranças.

Nos últimos três anos, Cristalina é o município com mais registros dessa grave violação no estado (7% dos casos). Rio Verde (7%) e Goiânia (5%) aparecem em seguida.

Casos por período



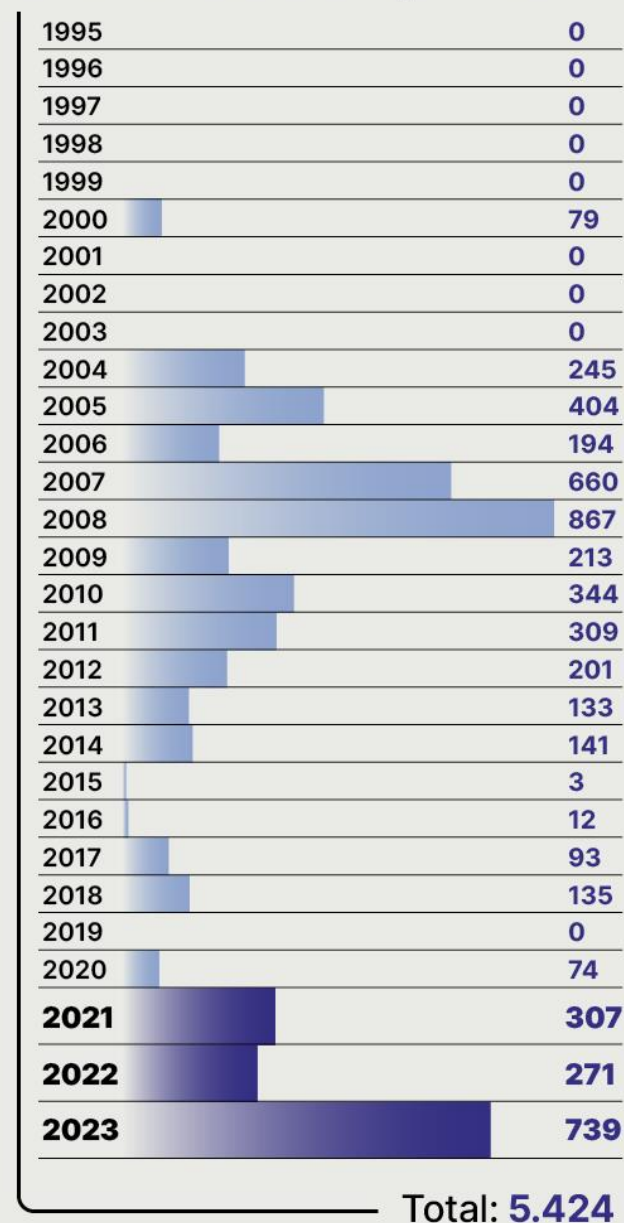
Trabalhadores escravizados por período



Casos por ano

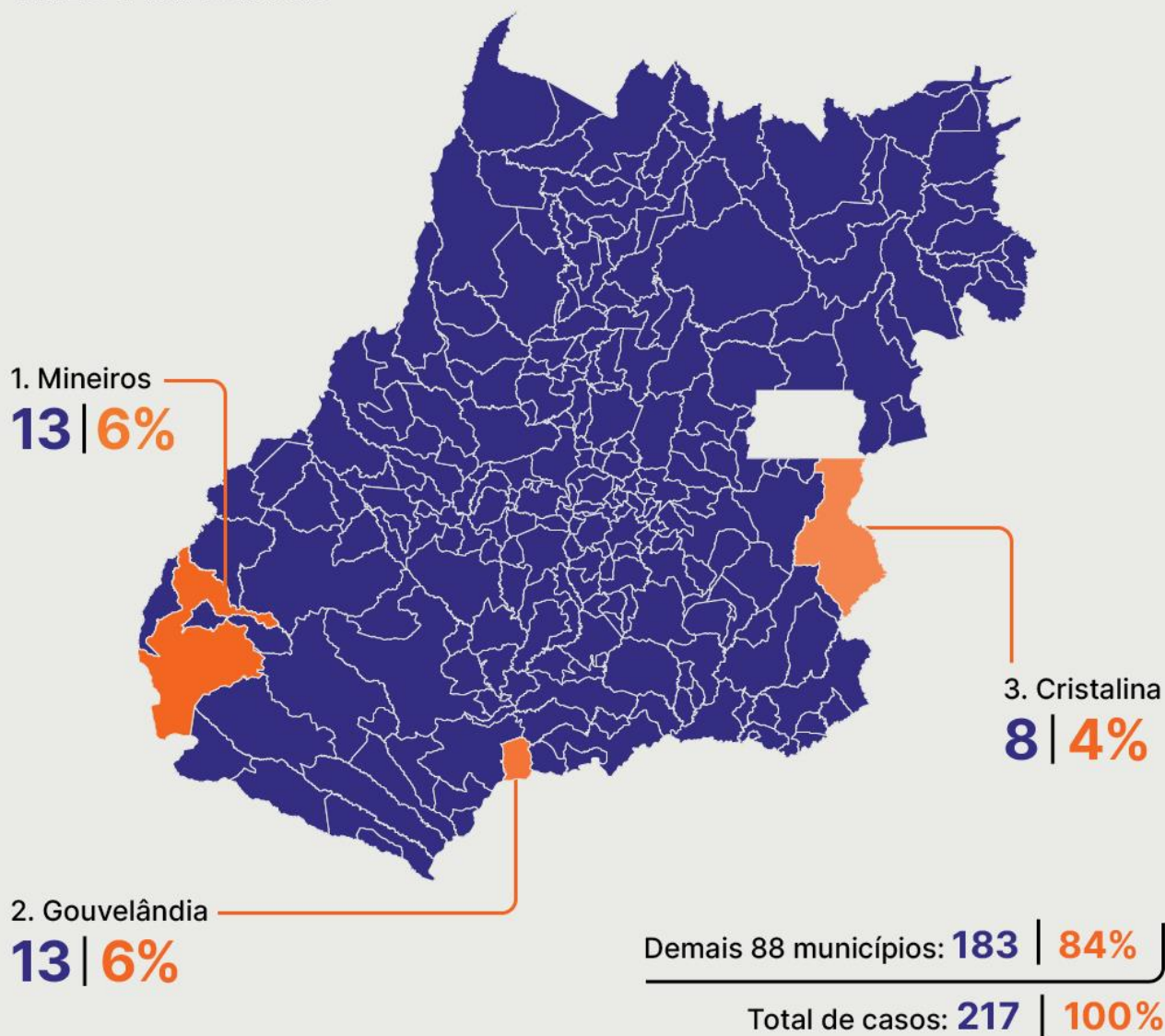


Trabalhadores escravizados por ano



Casos por município 1995 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



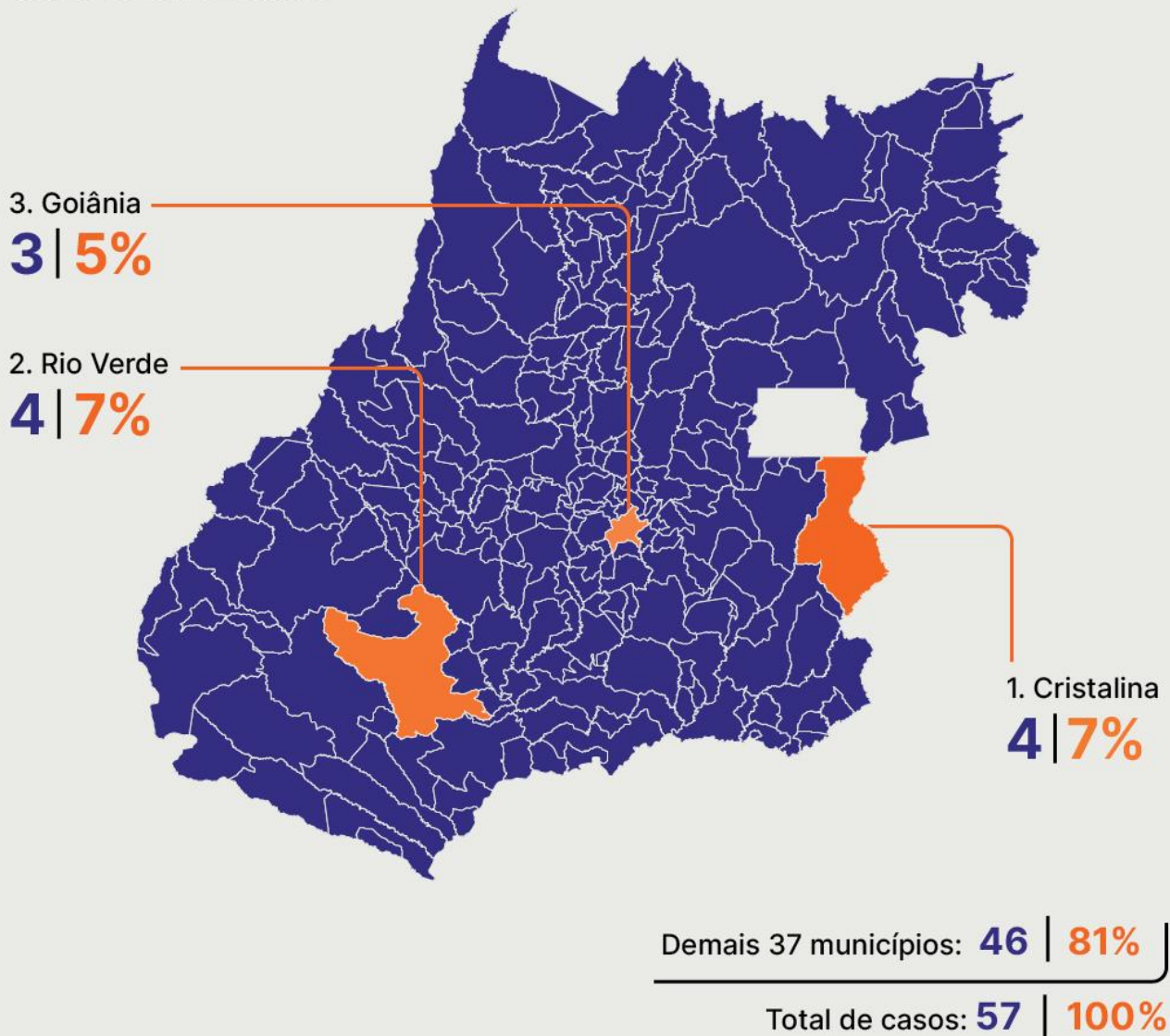
@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

 **ESCRAVO,
NEM PENSARI**

Casos por município 2021 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

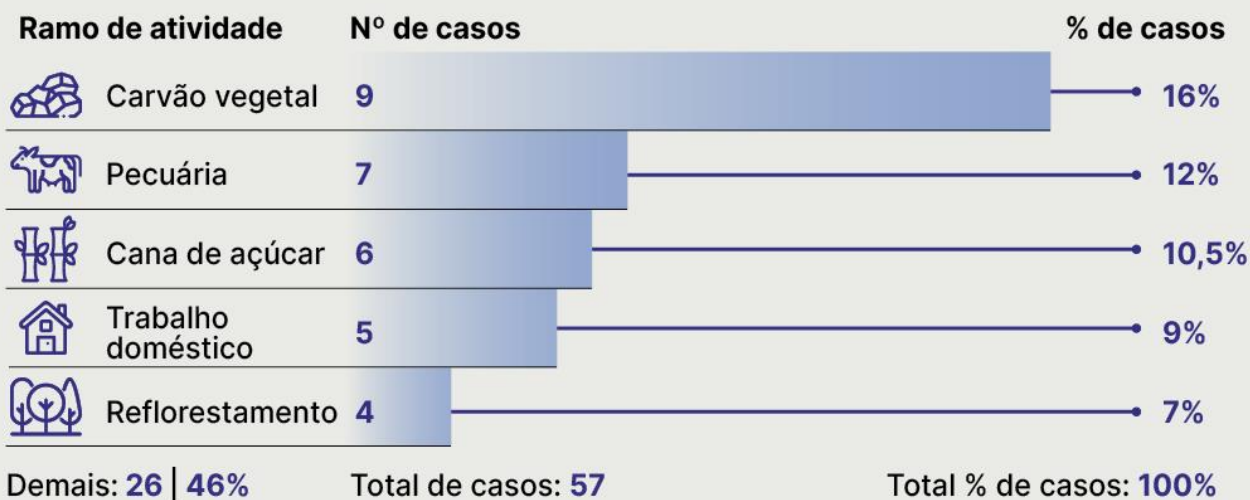
 **ESCRAVO,
NEM PENSARI**

Casos por atividade econômica

Série histórica 1995 a 2023



2021 a 2023



RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia



Pará

©FOTO: Sérgio Carvalho/Ministério do Trabalho e Emprego

@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

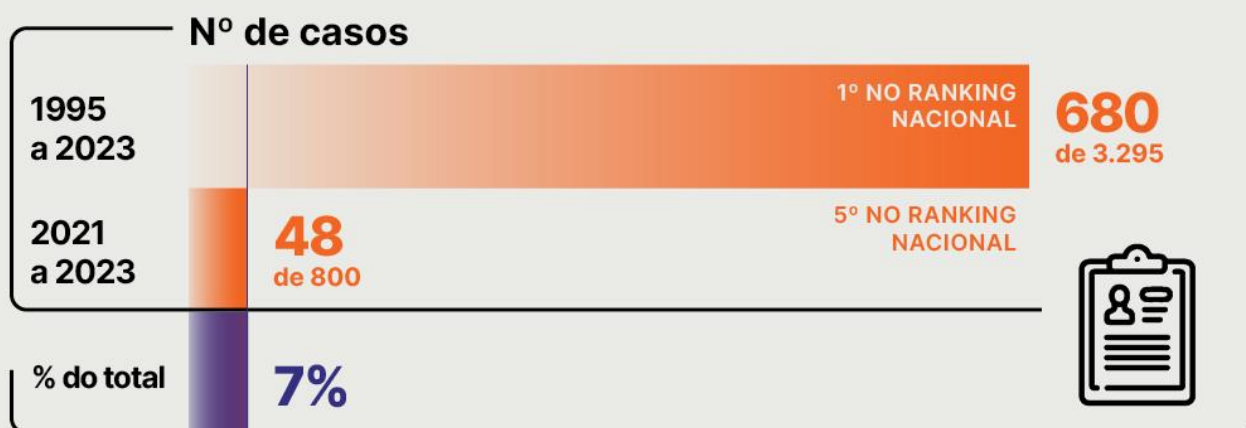
 **ESCRAVO,
NEM PENSAR!**

Pará é o estado com mais casos de trabalho escravo na série histórica, com 21% dos casos, de 1995 a 2023. No pós-pandemia, o estado figura na quinta colocação no ranking nacional. Desde 2021, houve 48 casos no estado, o que corresponde a 6% dos registros em todo território nacional. Neles, 353 trabalhadores foram escravizados.

A pecuária é a atividade com mais registros dessa grave violação, com 42% das ocorrências nos últimos três anos. Em seguida está a mineração (25%), o desmatamento (8%), a construção civil (6%) e os serviços de alimentação (2%). Carvão vegetal e extrativismo vegetal, que figuram entre as cinco primeiras atividades na série histórica, não aparecem entre as principais no pós-pandemia.

Nos últimos três anos, São Félix do Xingu é o município com maior incidência de trabalho escravo no estado (21%). Em seguida, estão Cumaru do Norte (10%) e Rio Maria (6%).

Casos por período



Trabalhadores escravizados por período



RAIO-X | O trabalho escravo pós-pandemia no Pará

Casos por ano



Total: **680**

Trabalhadores escravizados por ano



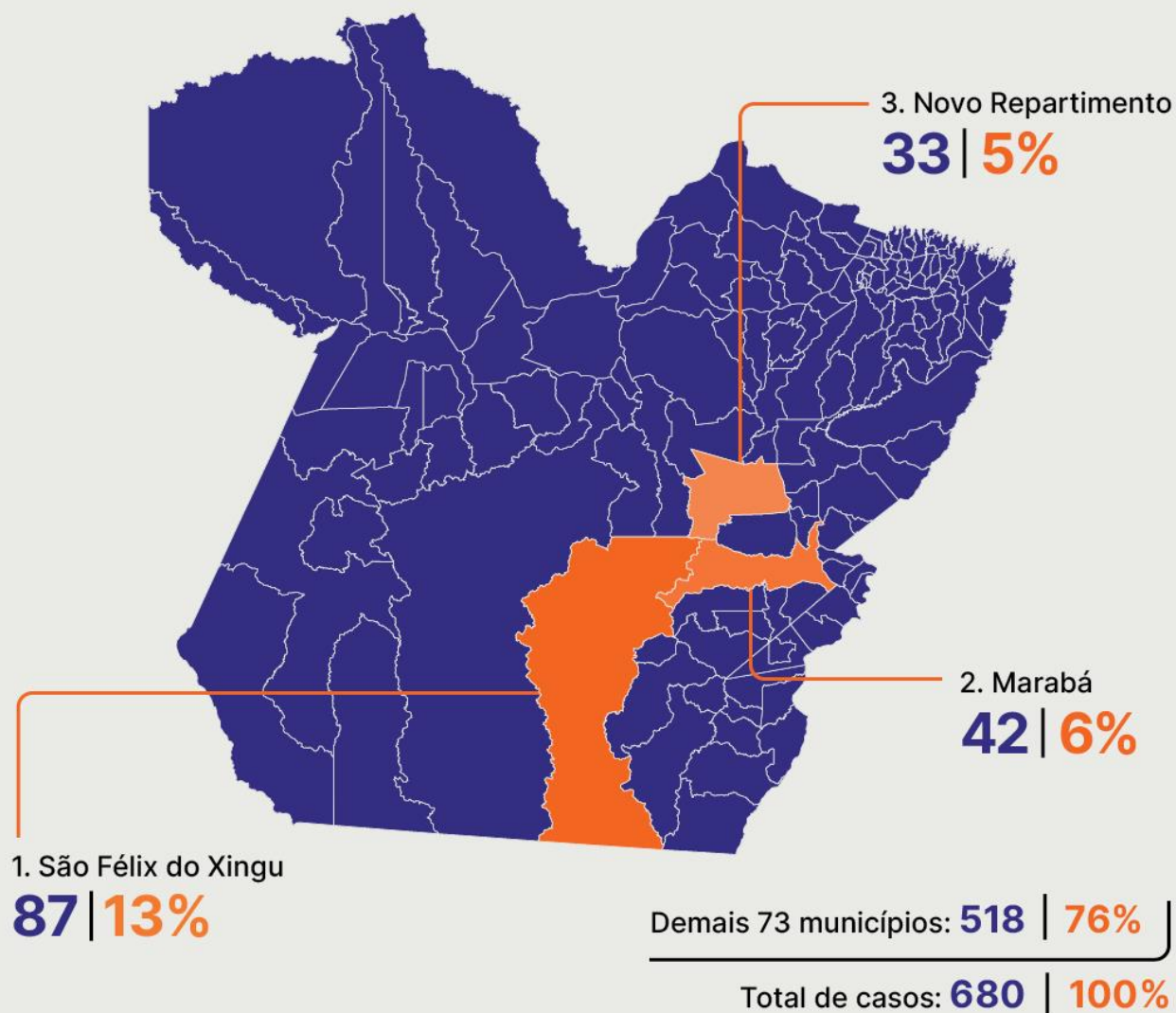
Total: **13.537**

@reporterbrasil



Casos por município 1995 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



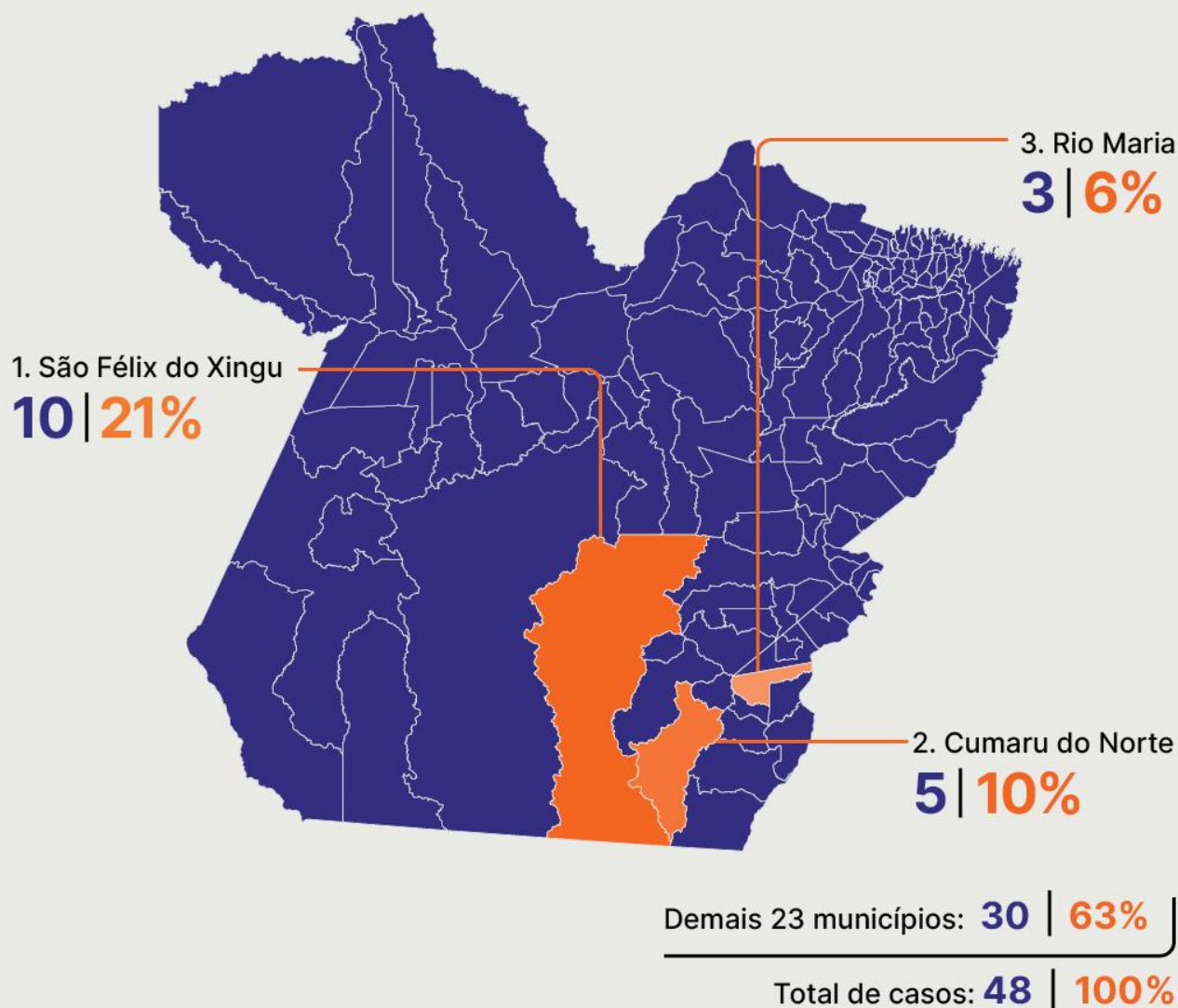
@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

ESCRAVO,
NEM PENSARI

Casos por município 2021 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



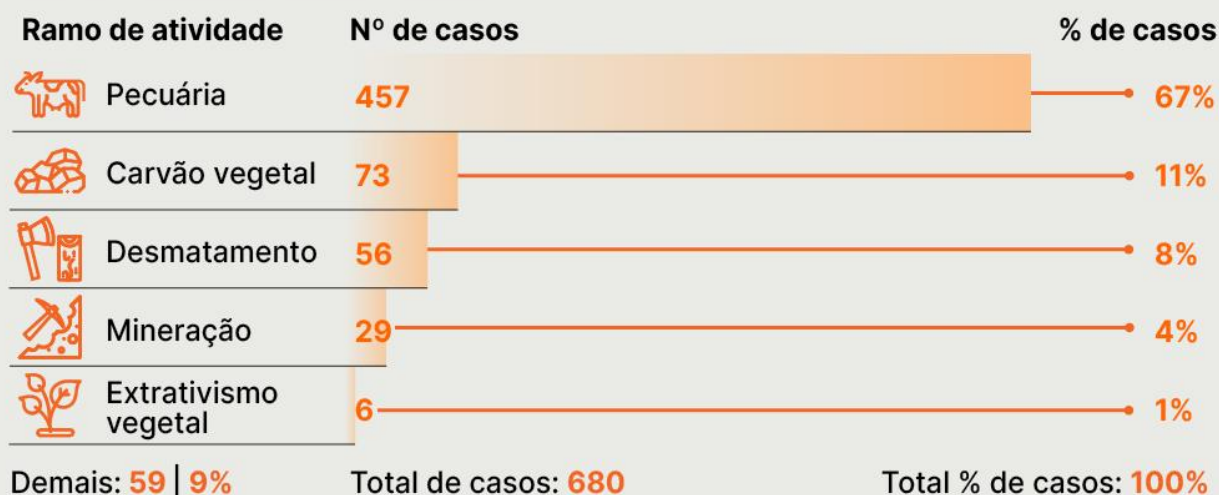
@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

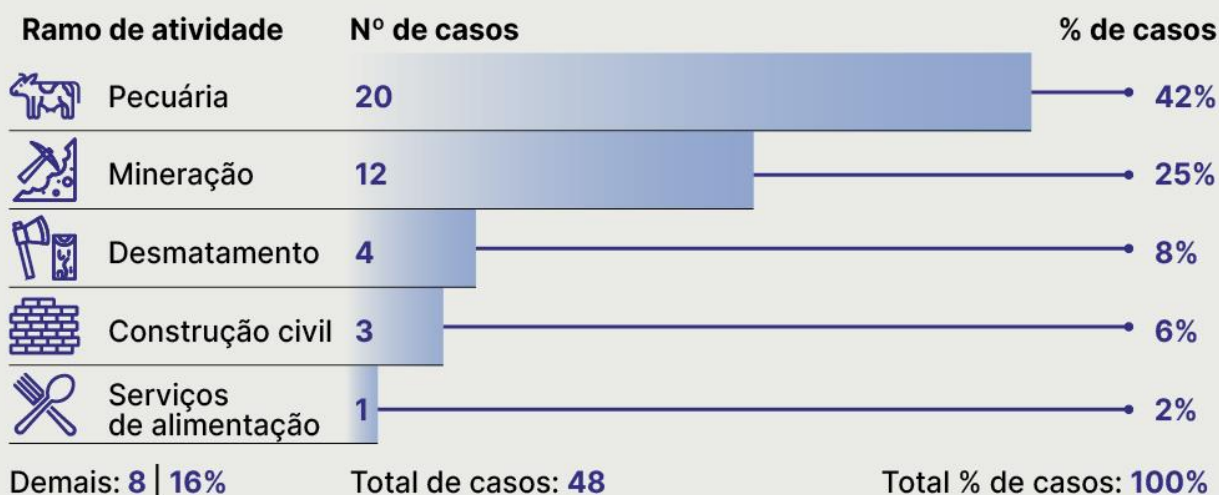
ESCRAVO,
NEM PENSARI

Casos por atividade econômica

Série histórica 1995 a 2023



2021 a 2023



RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia



Maranhão

©FOTO: Sérgio Carvalho/Ministério do Trabalho e Emprego

@reporterbrasil



REPÓRTER
BRASIL



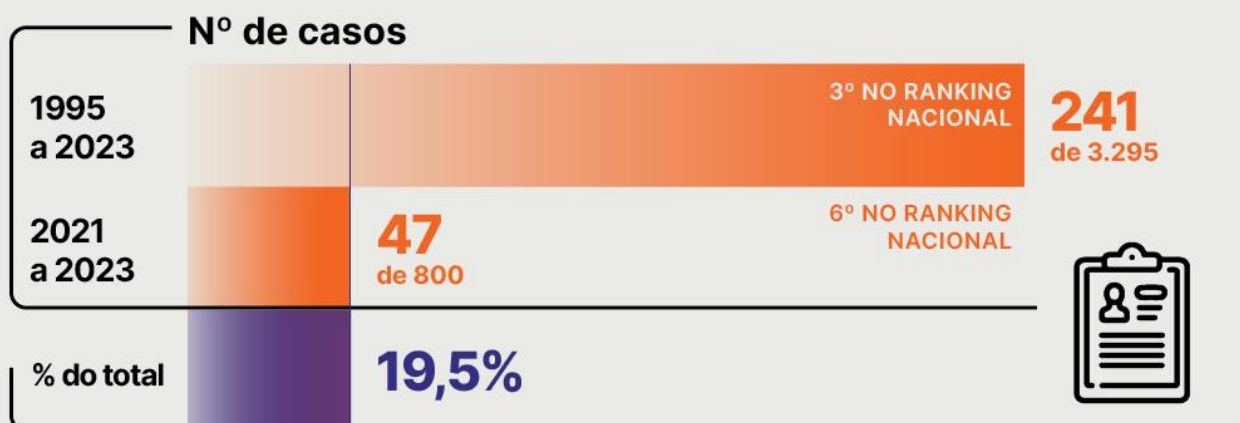
ESCRAVO,
NEM PENSAR!

Maranhão é o principal estado de origem dos trabalhadores escravizados no Brasil. No pós-pandemia, o estado figurou na sexta posição em número de casos que ocorreram em seu território. Nos últimos três anos houve 47 inspeções na região, 6% dos registros nacionais. Neles, 250 pessoas foram escravizadas. Já na série histórica, de 1995 a 2023, o Maranhão é o terceiro estado com mais casos dessa grave violação, com 7% dos casos.

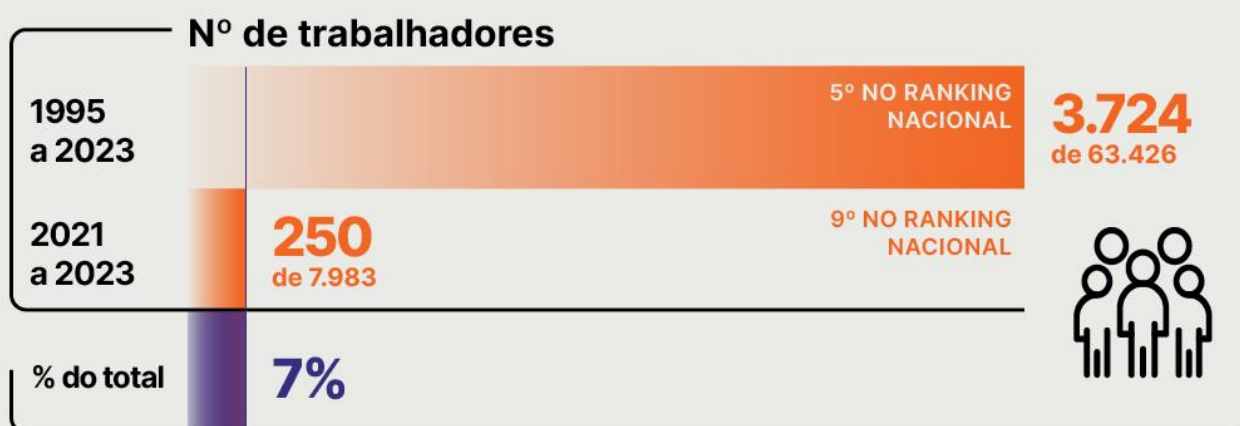
A produção de carvão vegetal é a atividade com mais casos (36%) nos últimos anos. A pecuária, que na série histórica lidera os registros, aparece em segundo lugar no pós-pandemia, com 21% dos casos. Em seguida, está a construção civil (6%), a mineração (6%) e a produção de soja (6%).

Nos últimos anos, São Félix de Balsas é o município com mais registros (8,5%), seguido por Mirador (6%) e Sítio Novo (6%).

Casos por período



Trabalhadores escravizados por período



Casos por ano



Total: **241**

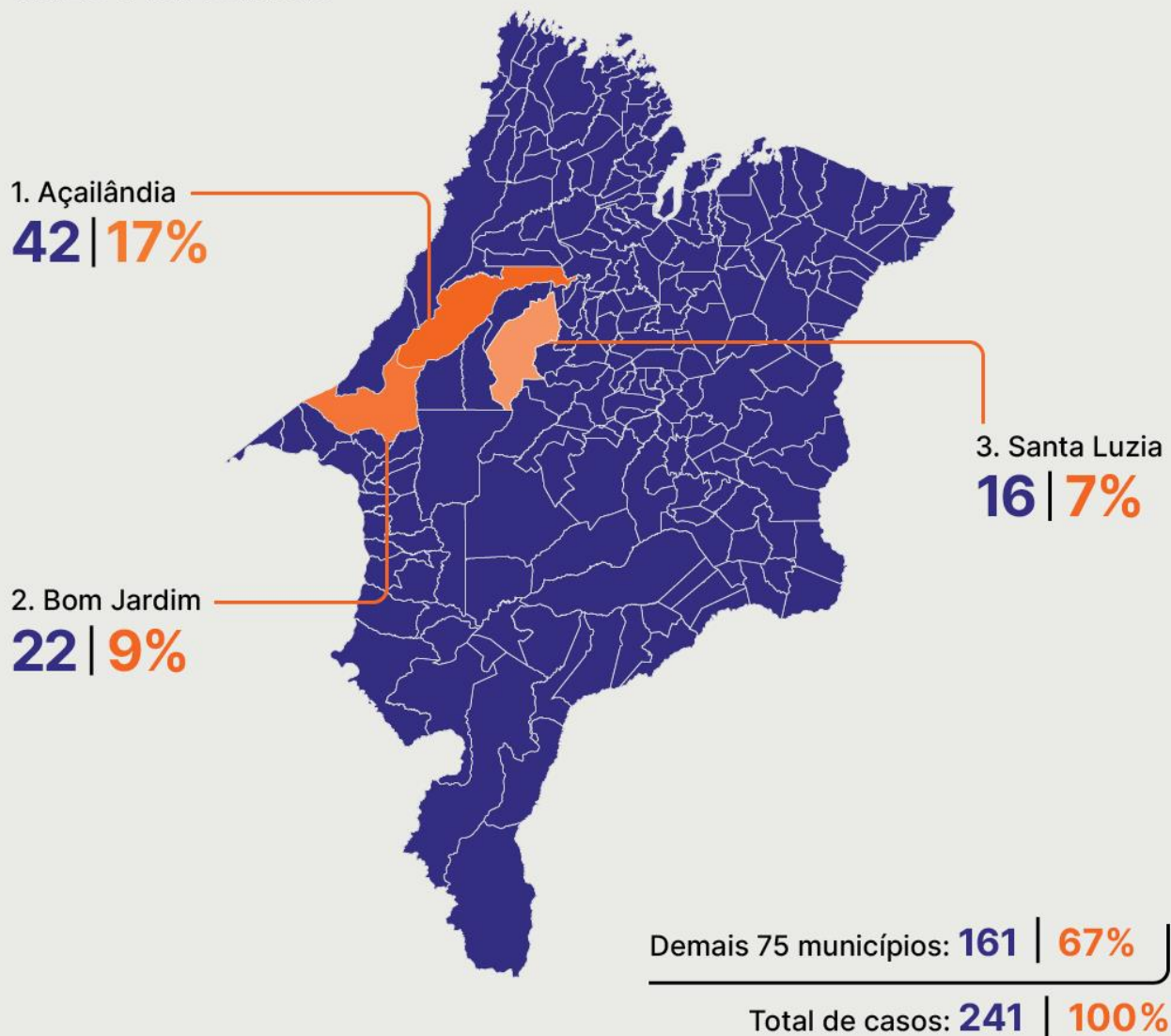
Trabalhadores escravizados por ano



Total: **3.724**

Casos por município 1995 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



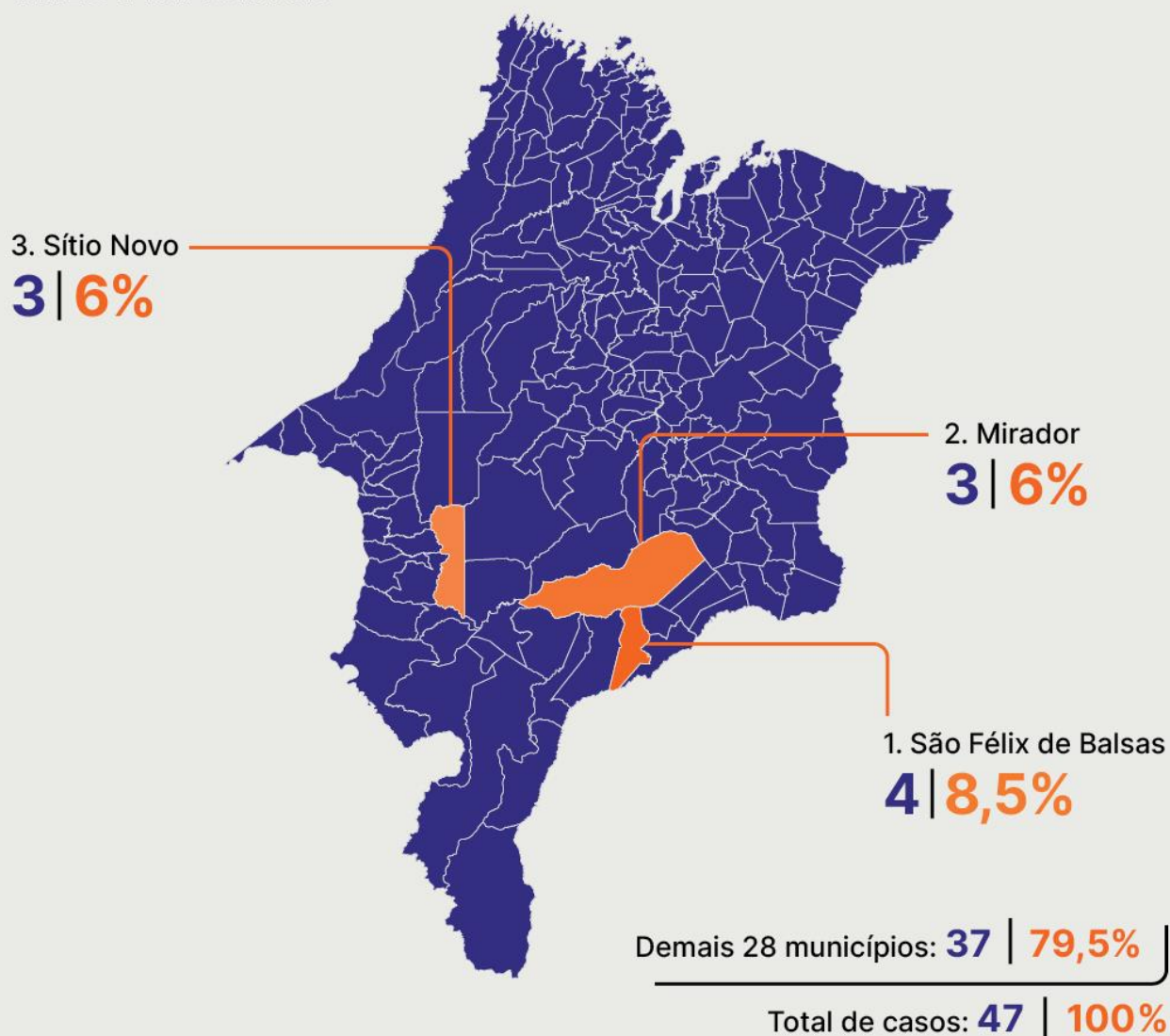
@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

 **ESCRAVO,
NEM PENSAR!**

Casos por município 2021 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

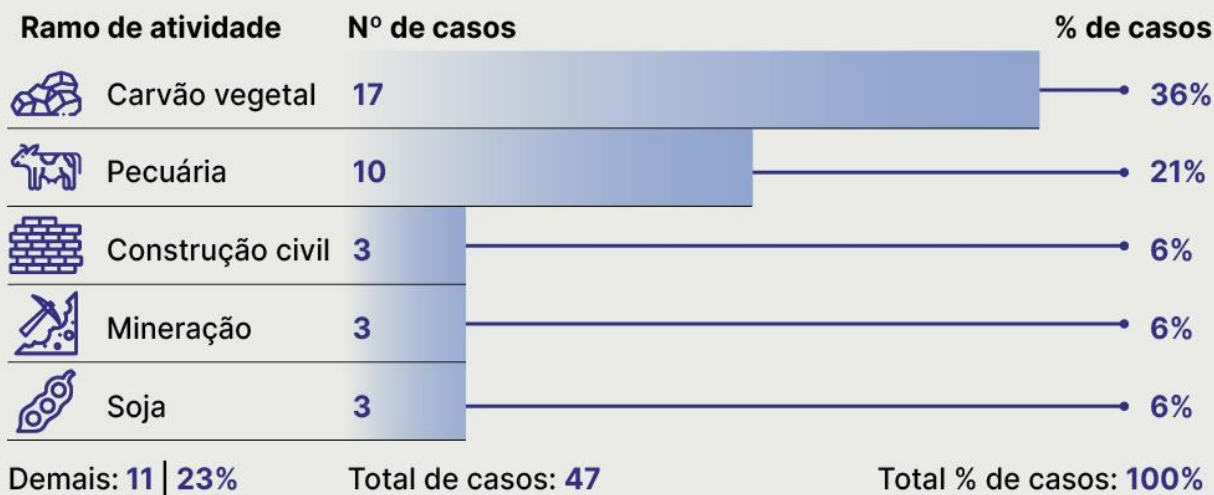
ESCRAVO,
NEM PENSARI

Casos por atividade econômica

Série histórica 1995 a 2023



2021 a 2023



RAIO-X

O trabalho escravo pós-pandemia



Mato Grosso

©FOTO: Sérgio Carvalho/Ministério do Trabalho e Emprego

@reporterbrasil



**REPÓRTER
BRASIL**



**ES CRAVO,
NEM PENSAR!**

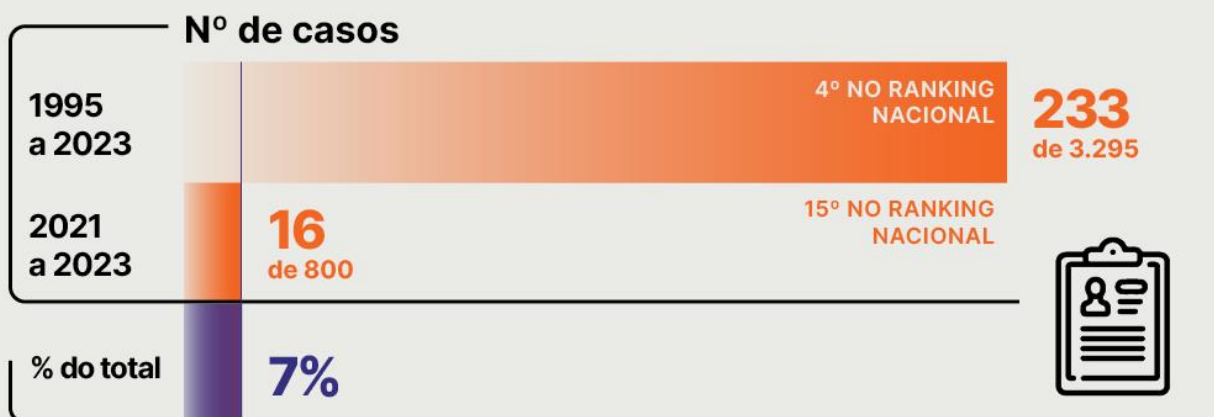
Mato Grosso é o maior produtor de soja, milho, algodão e gado do país.

Apesar de no pós-pandemia estar na 15^o posição no ranking do trabalho escravo, o estado figura na 4^o colocação na série histórica, de 1995 a 2023.

Em 233 casos, mais de 6 mil trabalhadores foram resgatados. As atividades com mais registros na série histórica foram justamente a pecuária (44%) e a produção de soja (12%), com destaque para os municípios Juara, Tapurah e Nova Ubiratã.

Já nos últimos três anos, foram 16 casos, e 61 trabalhadores resgatados. A pecuária (37,5%) e o reflorestamento (19%) são as atividades com mais registros dessa grave violação, seguido pelo trabalho doméstico (12,5%), mineração (6%) e produção de soja (6%). Juína, Nova Xavantina e a capital Cuiabá lideram os casos.

Casos por período



Trabalhadores escravizados por período



RAIO-X | O trabalho escravo pós-pandemia no Mato Grosso

Casos por ano

1995	2
1996	2
1997	2
1998	1
1999	4
2000	3
2001	6
2002	9
2003	17
2004	12
2005	10
2006	8
2007	8
2008	31
2009	22
2010	17
2011	11
2012	9
2013	9
2014	2
2015	10
2016	4
2017	7
2018	3
2019	5
2020	3
2021	8
2022	4
2023	4

Total: **233**

Trabalhadores escravizados por ano

1995	34
1996	266
1997	170
1998	19
1999	283
2000	157
2001	245
2002	567
2003	683
2004	326
2005	1412
2006	444
2007	107
2008	578
2009	312
2010	119
2011	91
2012	83
2013	75
2014	12
2015	44
2016	20
2017	91
2018	3
2019	14
2020	17
2021	18
2022	33
2023	10

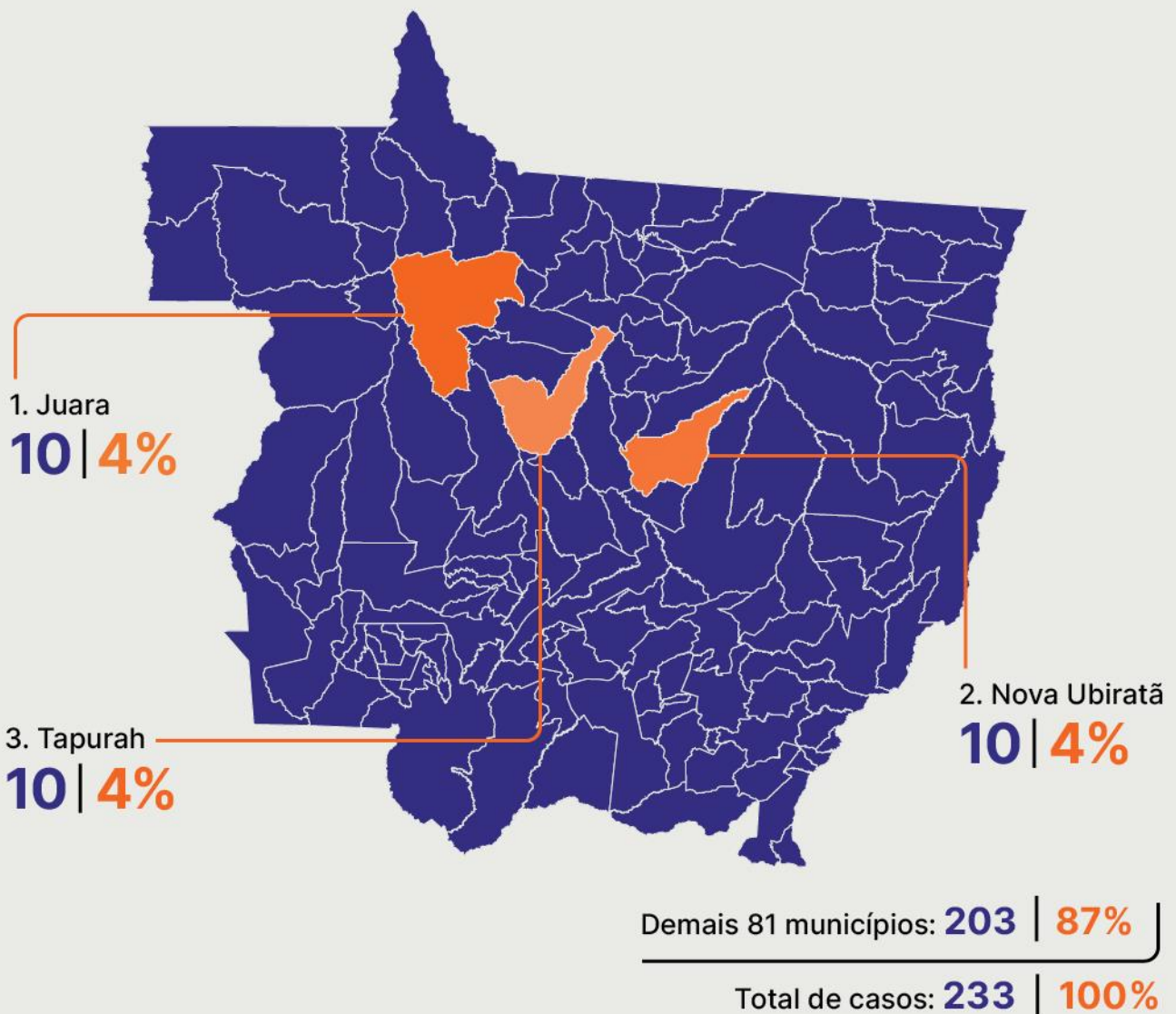
Total: **6.233**

@reporterbrasil



Casos por município 1995 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



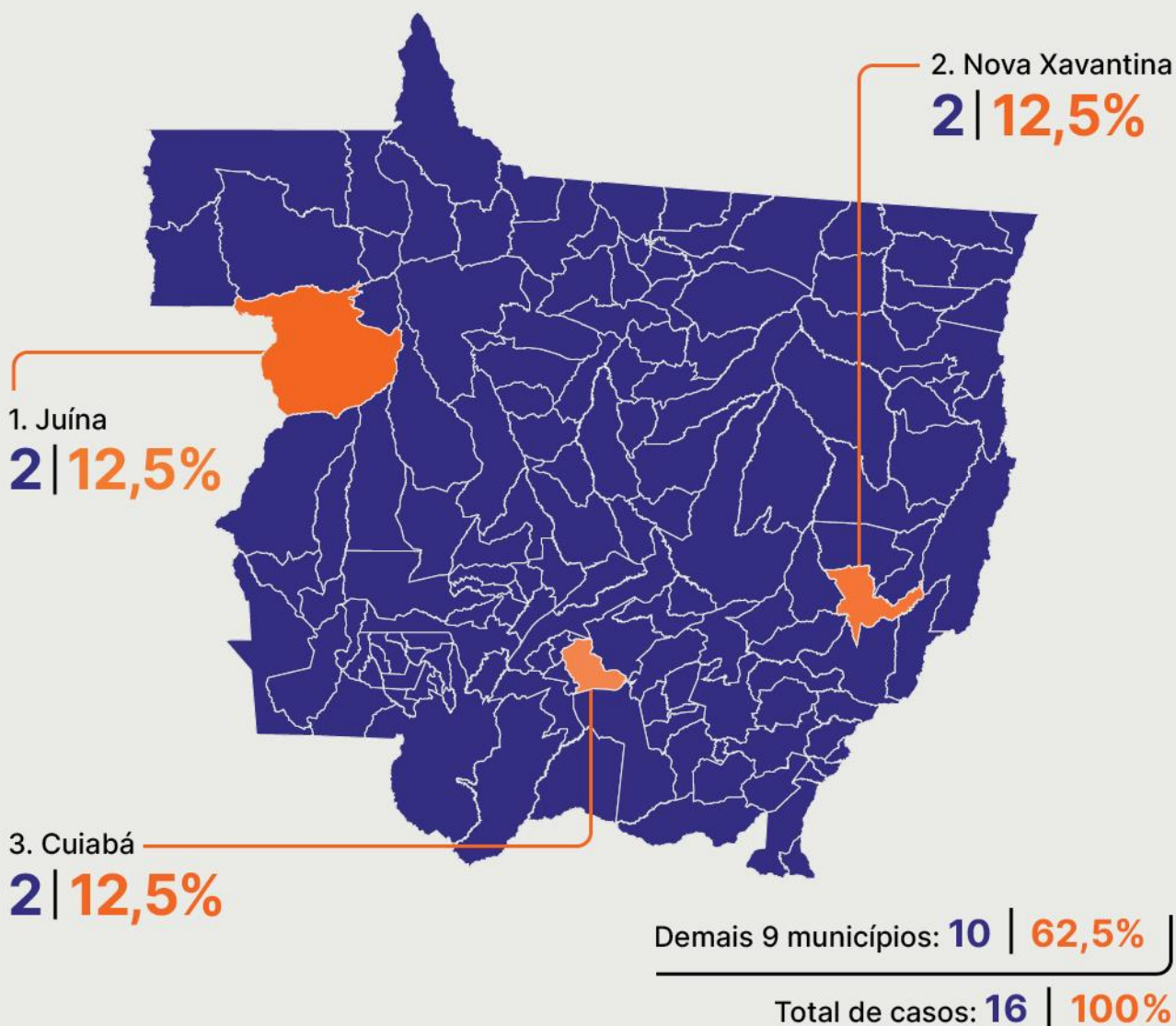
@reporterbrasil

REPÓRTER
BRASIL

ESCRAVO,
NEM PENSAR!

Casos por município 2021 a 2023

TRÊS PRINCIPAIS



@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

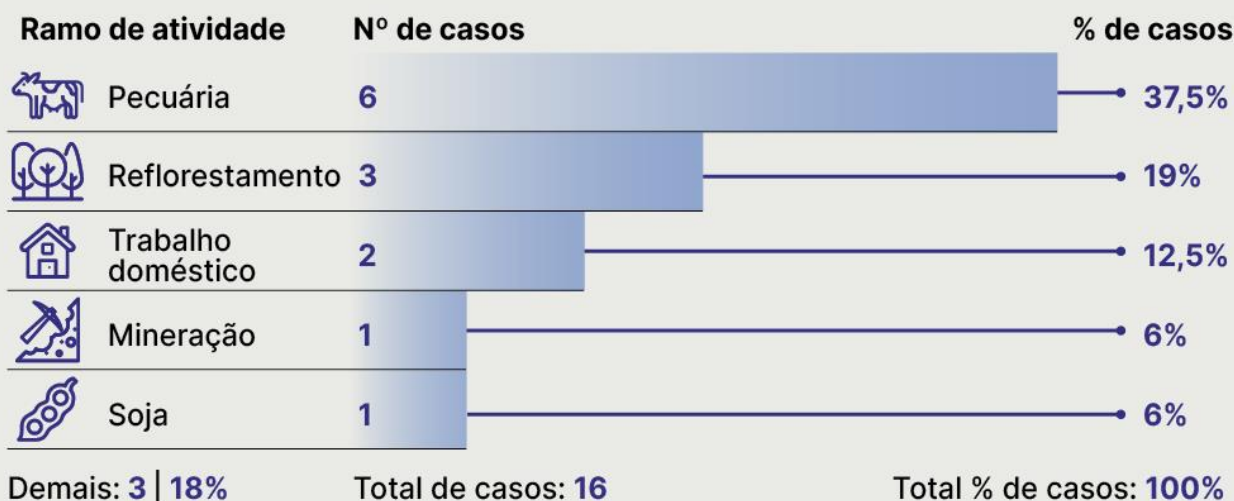
 **ESCRAVO,
NEM PENSAR!**

Casos por atividade econômica

Série histórica 1995 a 2023



2021 a 2023



TRABALHO ESCRAVO E GÊNERO PÓS PANDEMIA (2021-2023)

Brasileiras resgatadas

@reporterbrasil

 **REPÓRTER
BRASIL**

 **ESCRAVO,
NEM PENSAR!**

Mais de 400 mulheres foram resgatadas no pós-pandemia, o que corresponde a 8% dos 5.558 resgatados no período. Dentre elas, 81% eram negras e 83% tinham de 18 a 49 anos. Minas Gerais é o principal estado de resgate, com 47% do total de trabalhadoras resgatadas, e também é o principal de origem, ou seja, 41% das mulheres eram mineiras. A atividade com mais registros foi na agricultura (52%), principalmente na produção de café (27%).

Dentre as 10 migrantes internacionais resgatadas, 40% se autodeclara branca e todas possuem de 25 a 49 anos. 80% delas eram venezuelanas e trabalhavam na construção civil em Santa Catarina. As demais eram filipinas e estavam em situação de trabalho escravo doméstico em casas de alto padrão em São Paulo. Os dados referentes a 2023 são parciais e estão sujeitos à alteração

Brasileiras resgatadas

Nº de mulheres

464
8%

5.558
TOTAL HOMENS
E MULHERES



Faixa etária

ATÉ 17 ANOS

4% — 19

18 A 29 ANOS

34% — 157

30 A 49 ANOS

49,5% — 230

50 A 65 OU MAIS

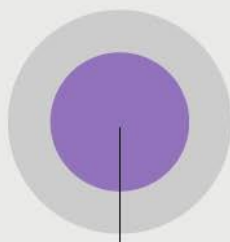
12,5% — 58

Total: 464 | 100%

Raça

PARDA

288



62%

PRETA

90



19%

BRANCA

75



16%

INDÍGENA

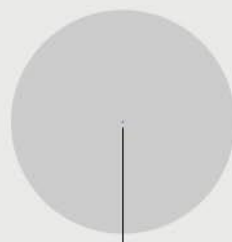
7



1,5%

AMARELA

4



1%

Total: 464 | 100%

Brasileiras resgatadas

Local de resgate

2. GOIÁS
72 | 16%

1. MINAS GERAIS
217 | 47%

3. BAHIA
25 | 5%

4. ESPÍRITO SANTO
25 | 5%

5. SÃO PAULO
24 | 5%

Total: 464 | 100%

Local de naturalidade

3. MARANHÃO
50 | 11%

1. MINAS GERAIS
217 | 47%

4. PIAUÍ
15 | 3%

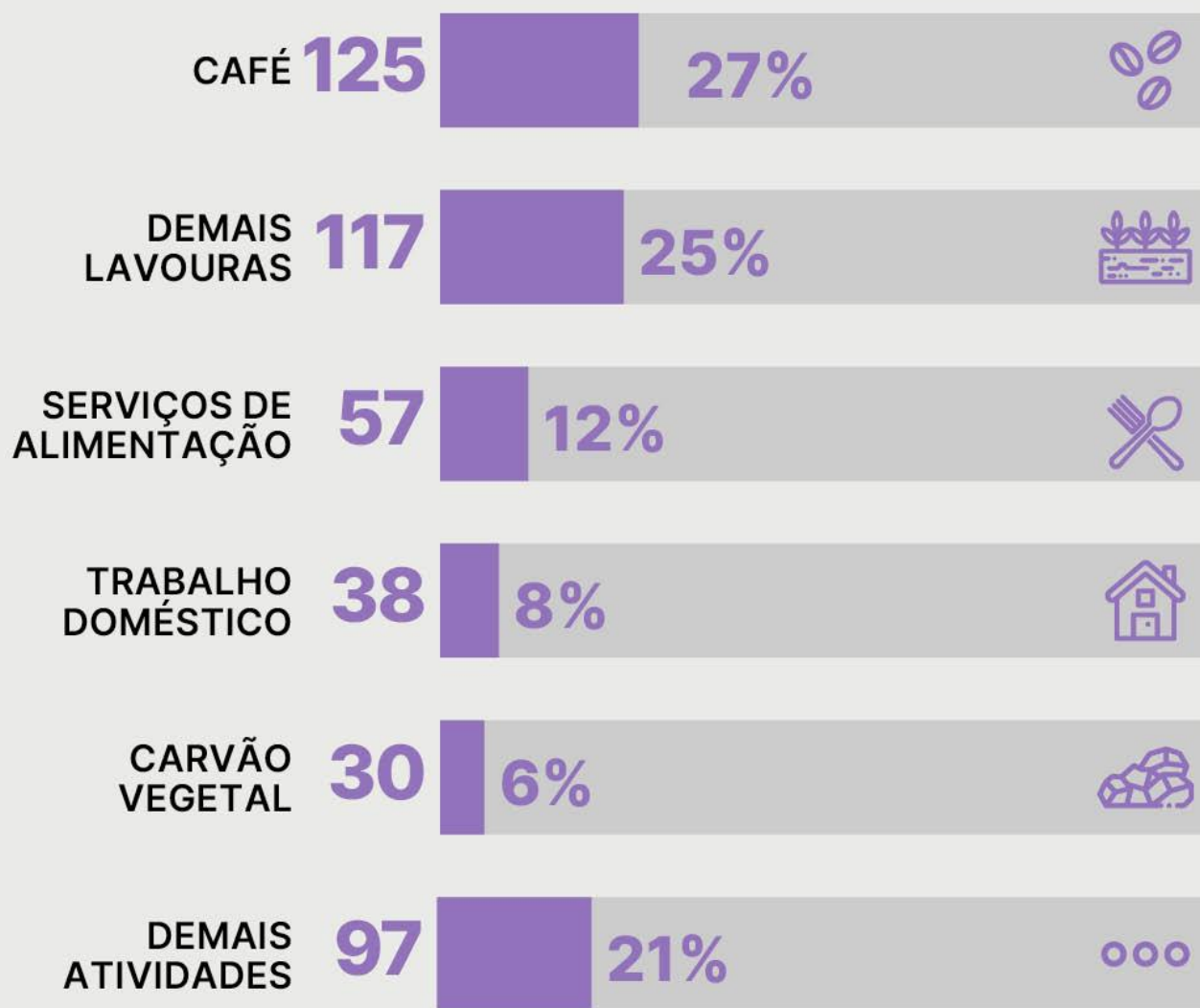
2. BAHIA
85 | 18%

5. SÃO PAULO
15 | 3%

Total: 464 | 100%

Brasileiras resgatadas

Atividade econômica



Total: 464 | 100%

A person is pushing a wheelbarrow filled with a world map. The map is overlaid on the wheelbarrow, showing the continents in white and oceans in blue. The person is wearing a striped shirt and shorts. The background is a blurred outdoor setting.

TRABALHO ESCRAVO E GÊNERO PÓS PANDEMIA (2021-2023)

Migrantes internacionais resgatadas

@reporterbrasil



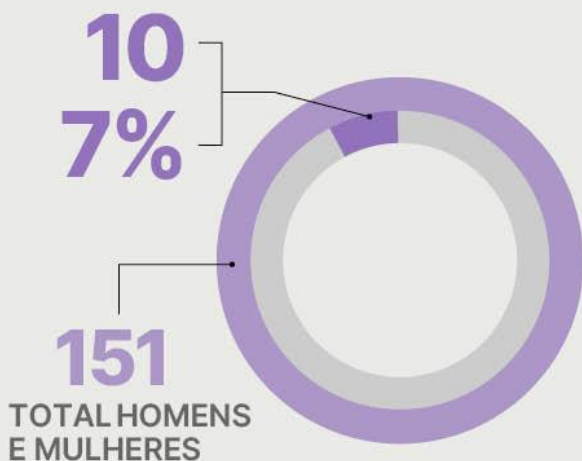
REPÓRTER
BRASIL



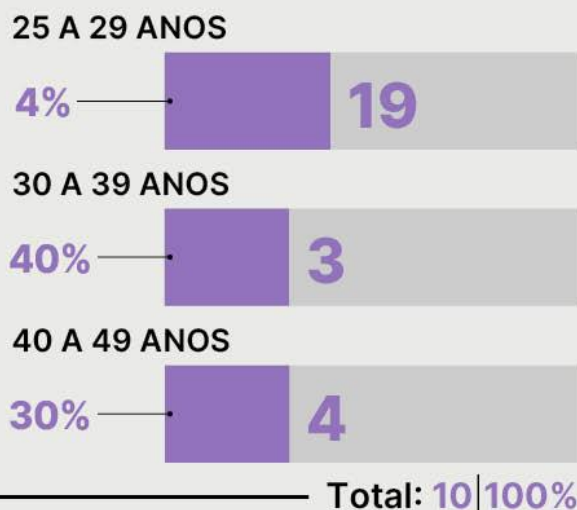
ES CRAVO,
NEM PENSAR!

Migrantes internacionais resgatadas

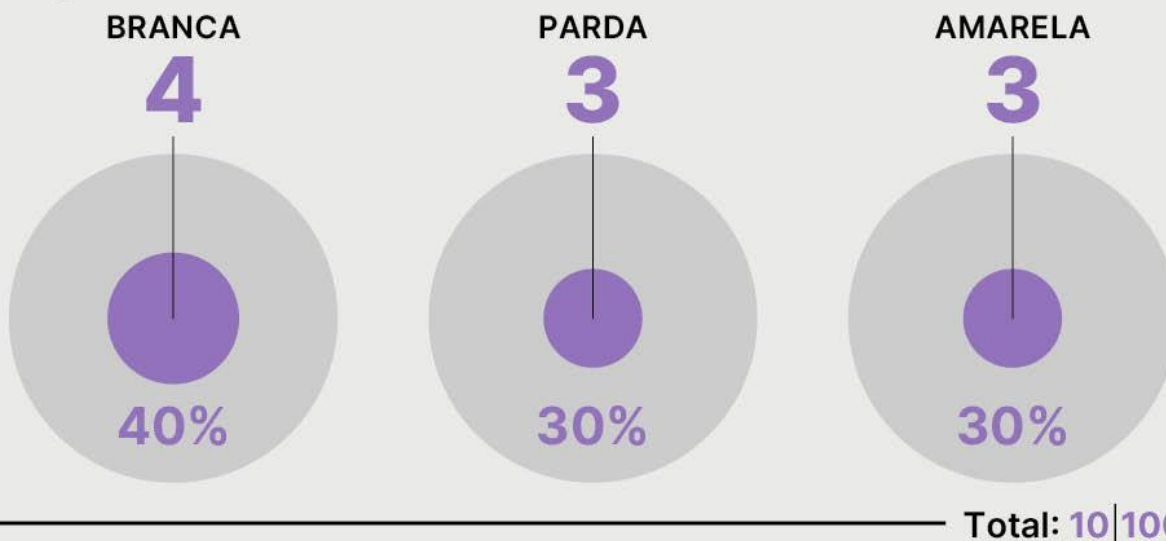
Nº de mulheres



Faixa etária

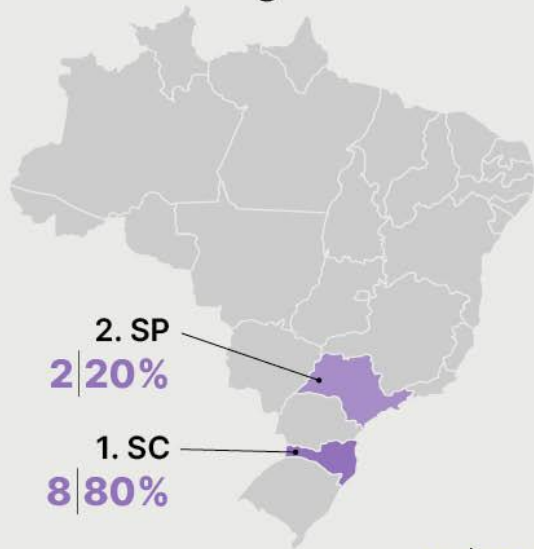


Raça



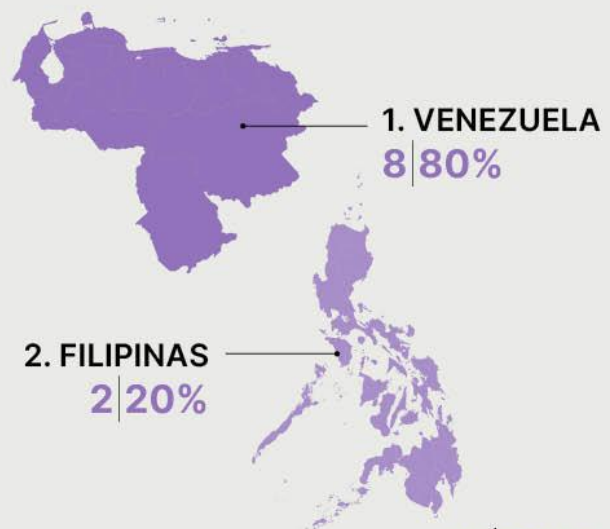
Migrantes internacionais resgatadas

Local de resgate



Total: 10 | 100%

Local de naturalidade



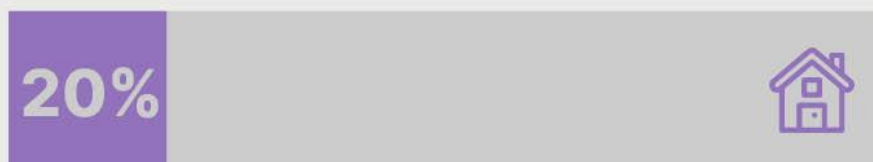
Total: 10 | 100%

Atividade econômica

CONSTRUÇÃO CIVIL 8



TRABALHO DOMÉSTICO 2



Total: 10 | 100%

Breve análise do período pós-pandemia de Covid-19

◆ Trabalho escravo doméstico

A pandemia levou ao óbito mais de 700 mil brasileiros. A primeira dentre as vítimas fatais foi uma trabalhadora doméstica do Rio de Janeiro. Ela contraiu o vírus por meio do contato com sua empregadora, que se infectara numa viagem à Itália. Mesmo com o estabelecimento de regras da quarentena, a patroa não dispensou a trabalhadora do serviço. Em um período de restrição de circulação de pessoas, chama a atenção os mais de 100 km percorridos semanalmente que separavam a casa da falecida trabalhadora e o apartamento onde trabalhava e residia parte da semana (Melo, 2020).

O trabalho doméstico, profissão majoritariamente ocupada por mulheres (estas representam 91% do total de trabalhadores do setor no Brasil), sofreu forte impacto pela pandemia. Por ser marcado pela informalidade dos vínculos empregatícios, muitas perderam o ofício sem receber as devidas verbas rescisórias. Outras, pelo receio de perder a fonte de renda, aceitaram as condições que lhes foram colocadas, mesmo que precarizadas, como se expor aos riscos de contrair a doença. Houve, ainda, após a pandemia, uma queda no número de trabalhadoras formalizadas. Entre 2015 e 2021, o número de mensalistas com carteira assinada passou de 45,9% para 40,6% (Repórter Brasil, 2024).

Desde o primeiro resgate, em 2017, até 2020, entre duas e três trabalhadoras domésticas foram resgatadas por ano. O cenário muda a partir de 2021, ano em que o número de resgates passou para 27. Em 2022, são 19, e em 2023, 38.

Além da piora das condições de trabalho das domésticas, o caso da empregada Madalena Gordiano, libertada em 2020, de uma casa de Minas Gerais, teve grande repercussão na sociedade. O seu caso recebeu atenção da mídia e, a partir de então, denúncias de situações semelhantes à dela começaram a surgir.

Conseqüentemente, as fiscalizações de casos de trabalho escravo doméstico aumentaram significativamente a partir de 2021, o que coincide com o período pós-pandemia. Se na série histórica (entre 1995 e 2023), estes representam somente 3% dos casos de trabalho escravo no Brasil, no período de 2021 a 2023 passaram a representar 12%, ficando atrás somente da pecuária.

Para entender mais sobre o tema, confira a publicação do ENP! [*Trabalho escravo doméstico: Estratégias para o atendimento de vítimas no pós-resgate*](#)

Escute também o episódio [*#14: Você repensou o trabalho doméstico na pandemia?*](#) do Podcast Trabalhadora

◆ Trabalho escravo no setor têxtil

Em uma fiscalização realizada em plena pandemia, em maio de 2020, costureiras bolivianas foram resgatadas depois de passarem dois meses presas em uma oficina de costura na capital paulistana. Segundo o auditor fiscal do trabalho responsável pelo resgate, o isolamento serviu de pretexto para manter as trabalhadoras confinadas, trabalhando 14 horas por dia, recebendo menos do que um salário mínimo (Lazzeri, 2020).

Assim como para as trabalhadoras domésticas, a pandemia também causou impactos significativos para trabalhadores migrantes internacionais. Muitos perderam seus empregos e, sem renda e uma rede de apoio local, não dispunham de acesso a itens básicos. Ainda que tivessem direito a receber o Auxílio Emergencial concedido pelo governo federal, enfrentaram dificuldades para obter o benefício financeiro, por diferentes motivos, que incluíam questões documentais (não possuir CPF e não atender aos requisitos previstos) à falta de informação sobre o direito.

Desde 2006, há casos de trabalho escravo em oficinas de costura, 90% deles ocorridos em São Paulo. Até 2023, foram 711 trabalhadores resgatados, grande parte deles (472 ou 66%) migrantes internacionais. Chama a atenção, no entanto, que justamente a partir de 2020, há uma queda significativa das ocorrências.

É contraintuitivo que, em São Paulo, na série histórica (1995-2023), a confecção seja a atividade com maior número de casos (29%) envolvendo majoritariamente trabalhadores migrantes internacionais, mas também brasileiros, e no período pós-pandemia (2021-2023) passe a representar somente 11%. Em 2019, foram cinco casos e 63 trabalhadores resgatados, já em 2023, quatro e 24, respectivamente.

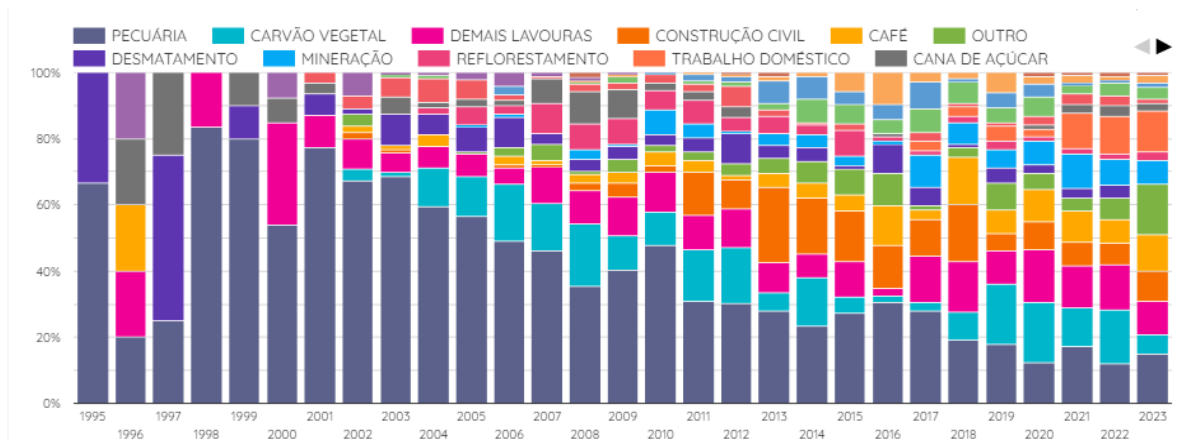
Não há evidências de melhorias nas condições de trabalho de migrantes internacionais inseridos no setor ou alterações significativas no modelo de produção têxtil. O que pode sugerir que a queda de casos de trabalho escravo seja decorrente adoção de outras estratégias de fiscalização adotadas pelo poder público.

Para se aprofundar mais no tema de migrantes internacionais escravizados no Brasil, confira o [*Dossiê ENP! #1: Trabalho escravo e migração internacional!*](#)

◆ Outras atividades econômicas

A partir da década de 2010, há uma crescente diversidade de atividades econômicas como objeto de investigações (conforme gráfico a seguir), efeito do processo de capilarização e autonomização das ações de fiscalização.

Casos por atividade econômica em cada ano



Desde o fim da década de 2000, a atuação do Grupo Especial de Fiscalização Móvel (GEFM), cujo trabalho é desenvolvido em nível nacional, foi capilarizada para os níveis estaduais por meio das Superintendências Regionais do Trabalho e Emprego (SRTE). As unidades locais passaram a desenvolver o *modus operandi* das fiscalizações para o trabalho escravo, dando-lhes, portanto, mais autonomia de ação (Suzuki, 2023).

A capilarização e autonomização possibilitam que atores locais identifiquem o trabalho escravo em contextos até então inéditos, por conhecerem melhor o território em que atuam e suas respectivas dinâmicas socioeconômicas. Como consequência, amplia-se a variedade de atividades econômicas fiscalizadas e flagradas com trabalho escravo. O aumento de fiscalizações e resgates em diferentes atividades impacta também no entendimento da sociedade sobre a exploração laboral em situações antes naturalizadas, como é o caso da situação de muitas trabalhadoras domésticas, o que pode reverberar em aumento de denúncias (Suzuki, 2023).

De forma crescente, 2021, 2022 e 2023 são os anos com maior número de casos de trabalho escravo desde 1995, ano em que governo federal brasileiro assumiu a existência do trabalho escravo contemporâneo perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT). No período pós-pandemia, estes representam 24% de toda a série histórica (1995-2023).

Nota-se, aqui também, um efeito da capilarização e autonomização das ações de fiscalização. Superintendências Regionais do Trabalho e Emprego (SRTE) de diferentes regiões do Brasil passam a atuar de forma autônoma, para além das operações realizadas pelo Grupo Especial de Fiscalização Móvel. Há, portanto, um aumento de Auditores Fiscais do Trabalho atuando com o tema do trabalho escravo e, como decorrência, o crescimento no número de operações. E o maior número de casos entre 2021 e 2023 é parte desse processo em curso desde o fim da década de 2000.

O *Escravo, nem pensar!* seguirá acompanhando a ocorrência do trabalho escravo no país e divulgando novos dados. Fique de olho!

Referências bibliográficas

Lazzeri, Thais. Trabalho escravo, despejos e máscaras a R\$ 0,10: pandemia agrava exploração de migrantes bolivianos em SP. Repórter Brasil, 1º jun. 2020.

Melo, Maria Luisa de. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. Uol, 19/03/2020. Disponível em: < <https://bit.ly/3EeMcOP> >. Acesso em: 31 out. 2024.

Repórter Brasil. Trabalho escravo doméstico – Estratégias para o atendimento da vítima no pós-resgate. Repórter Brasil, Escravo, nem pensar!: São Paulo, 2024.

Suzuki, Natalia Sayuri. Trabalho escravo contemporâneo: institucionalizações e representações no desenvolvimento da política pública de erradicação. 2023. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.